

# PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

II Série | Nº 6 | Janeiro/Fevereiro 2003 | Preço: 2 €



foto: E. / Ader-Sousa

Em Destaque  
Ambiente e Desenvolvimento

P 9 a 12 Territórios - Terras de Sousa

P 7 e 8 Mestres em conservação e restauro | P 13 Programa LIFE | P 14 e 15 Fórum Social Mundial

# Proteger e valorizar os recursos naturais e património

Conservação da natureza, protecção dos recursos naturais, segurança alimentar, qualidade da água... A abordagem integrada do território proposta pelo Programa LEADER permite inscrever estas prioridades numa lógica sistémica de intervenção, onde cada vertente potencializa e interage com as outras.

A conservação da natureza, a protecção dos recursos naturais, a segurança alimentar, a qualidade da água representam alguns dos maiores desafios para os próximos anos.

A abordagem integrada do território proposta pelo Programa LEADER permite inscrever naturalmente estas prioridades numa lógica sistémica de intervenção, onde cada vertente potencializa e interage com as outras: diversificação de actividades económicas, protecção e valorização dos recursos naturais e do património construído, investimento na formação para aumentar os níveis de qualificação e de competências de agentes e operadores privados. O trabalho em rede e a cooperação constituem-se como dimensões importantes desta intervenção.

A nova matriz da política ambiental da EU define uma lista de acções prioritárias. O programa sublinha a importância de participação de consumidores e produtores e a necessidade de uma acção transversal e integrada nos diferentes sectores de actividade. As medidas agro-ambientais constituem instrumentos fundamentais da política agrícola. Estas medidas visam, em primeiro lugar, a exploração da terra e o impacto ambiental deverá ser significativo e ir muito além daquilo que poderá ser considerado uma boa prática. O agricultor é encarado como um actor-chave num processo de produção sustentada e como um guardião das reservas e do património do território no qual intervém. Este modelo de contratualização é um passo fundamental para que se considere que o ambiente envolva a responsabilidade individual e colectiva de uma cadeia de intervenientes, ou seja de cada cidadão. A noção de que os financiamentos deverão estar condicionados à adopção de práticas compatíveis com uma produção "amiga" do ambiente e sustentável, consubstancia-se no princípio da eco-condicionalidade.

Estas medidas prevêm pois um desenvolvimento controlado das zonas rurais, encorajando a conservação da terra e normas ambientais mais estritas em matéria de utilização da terra". Como refere na apresentação das Medidas agro-ambientais o seu gestor, "estas medidas são a manifestação inequívoca de um desejo da sociedade e de um convite dirigido aos agricultores na manutenção do ambiente".

O papel da floresta, como elemento central na manutenção da biodiversidade mas também na dimensão de criação de actividade e emprego e a necessidade de envolvimento dos proprietários através da sua estruturação em organizações de proprietários, são temas de análise no artigo assinado pela Direcção-Geral das Florestas.

Neste número, espaço também para os projectos Club Biored - composto por um leque diversificado de entidades, designada-

mente associações gestoras do Programa LEADER, e que propõe uma fórmula de cooperação para o desenvolvimento sustentável dos territórios que o integram, e IPMRA - Iniciativas de Promoção do Mundo Rural Algarvio - um projecto de cooperação que associa diferentes actores com intervenção no Algarve rural e que visa "identificar os elementos patrimoniais que a natureza e a cultura rural algarvia podem partilhar actualmente com visitantes vindos da própria região ou do exterior".

As Terras de Sousa é o Território que se apresenta nesta edição. Um território de características heterogéneas com uma forte dinâmica empresarial, ilustrando a predominância do sector secundário que ocupa a larga maioria da população activa, mas onde a agricultura se mantém como uma actividade residual e complementar para muitas famílias. Por isso, uma aposta importante da Ader-Sousa no quadro do LEADER+ será desenvolver e consolidar intervenções em áreas como a da agricultura biológica.

Na rubrica *Actividades da rede* damos a conhecer o projecto Cooperar em Português que envolve cinco ADL e procura mutualizar com actores de desenvolvimento do Brasil e outras instituições brasileiras as abordagens de desenvolvimento LEADER mas também as experiências de orçamento participativo e de micro-crédito praticadas no Brasil e noutros países da América Latina. O momento do Fórum Social Mundial e a inscrição das suas problemáticas vieram alimentar a reflexão deste grupo e enriquecer esta partilha e o trabalho deste colectivo.

E por fim, nada melhor do que as pessoas para se evocarem os lugares: José Lucas explica-nos a arte ecológica da transformação do papel reciclado em cestaria e Dinis Lemos e Filipe Alves das Terras de Sousa falam do complexo mundo da conservação e restauro de documentos gráficos.

**Cristina Cavaco**  
ccavaco@inde.pt



André Silva / ABRIR

---

## Medidas agro-ambientais

# Práticas agrícolas amigas do ambiente

As medidas agro-ambientais surgem como um importante instrumento de política agrícola e ambiental, reconhecendo a multifuncionalidade das explorações agrícolas e o importante papel dos agricultores na manutenção do ambiente e de todos os aspectos associados ao mesmo.

A crescente urbanização da sociedade portuguesa, resultante de um conjunto de fenómenos de natureza social, económica e política, conduziu a novas formas de encarar a agricultura e o mundo rural.

Ao crescimento desordenado de muitas cidades contrapõe-se a drástica diminuição da população residente em meio rural verificada nas últimas décadas e o risco de abandono de pequenas aldeias e de áreas agrícolas de produtividade marginal mas fundamentais em termos de manutenção da diversidade paisagística e dos recursos naturais.

A solução passa por uma política de desenvolvimento rural sustentável, articulada entre os diversos actores e baseada na valorização das potencialidades específicas dos diferentes territórios, onde se incluem as agrícolas.

A perda de competitividade de muitos dos sistemas agrícolas obriga à procura de novos modelos de sustentabilidade baseados no desenvolvimento das vantagens competitivas de cada região a partir de produções específicas com valor económico. Isto passa pela procura das potenciais produções com características específicas regionais, pela modernização e inovação dos métodos de cultivo e preparação dos produtos a oferecer ao mercado.

Por outro lado, a sociedade tem hoje, de forma crescente, consciência que o agricultor além de produzir alimentos e fibras tem também um papel fundamental enquanto gestor de vastas áreas do território, influenciando directamente na qualidade da paisagem e do ambiente. Espera por isso que a agricultura, tal como no passado, utilize de forma racional os recursos naturais, não comprometendo o seu uso pelas gerações vindouras, garantindo a salvaguarda da qualidade do solo e da água, mantendo a diversidade biológica, os habitats, a fauna e as paisagens. E ainda a preservação do espaço rural enquanto espaço de lazer.

Paralelamente, todos nós consumidores desejamos a produção de alimentos de qualidade, com especificidades próprias, nomeadamente a nível das qualidades organolépticas respeitando a tradição de produtos tradicionais genuínos, isentos de resíduos químicos e com garantia de qualidade.

### Novos produtos, bens e serviços

Neste quadro a agricultura tende para a diversificação, para a produção de outros bens e serviços que sendo complementares da sua actividade produtiva tradicional, possam contribuir para a melhoria do rendimento dos agricultores.

Muitas das expectativas da sociedade relativamente à agricultura traduzem-se já em novas oportunidades de negócio, novos produtos e novos serviços. É o caso de produtos correspondentes a pequenos nichos de mercado mas com potencial de alargamento, dos colocados no mercado com certificação de qualidade, ou das ofertas de turismo em meio rural. Nestes casos o agricultor é beneficiário directo das mais-valias, os custos destas formas de fazer são internalizados no produto final, mas no que se refere à conservação do ambiente, esta internalização nem sempre é fácil. Vai ocorrer por exemplo no caso dos produtos biológicos e da protecção integrada, com a necessidade de estímulos iniciais para a conversão a novos itinerários de produção, mas regra geral não ocorre relativamente à manutenção da biodiversidade ou à valorização das paisagens.

É neste contexto que as medidas agro-ambientais surgem como um importante instrumento de política agrícola e ambiental, reconhecendo a multifuncionalidade das explorações agrícolas e o importante papel dos agricultores na manutenção do ambiente e de todos os aspectos associados ao mesmo. Mas mais do isso, são a manifestação inequívoca de um desejo da sociedade e de um convite dirigido aos agricultores, para a prestação de serviços de natureza ambiental, na sua exploração agrícola, por um período mínimo de cinco anos, em benefício do bem comum, a remunerar na base de um Acordo Agrícola Ambiental.

Em Portugal estas medidas estão em vigor desde 1994; desde essa data até 1999 no quadro do Reg. (CEE) n.º 2078/92 e a partir de 2000 integradas no Plano de Desenvolvimento Rural – RURIS, constituindo um importante incentivo à multifuncionalidade das explorações agrícolas, compensando-as pela prestação de serviços de carácter agro-ambiental, contribuindo assim para a sua diversificação interna e viabilidade económica.

O Programa Nacional está estruturado, tendo por base a identificação de um conjunto de problemas ambientais, nos seguintes grupos de medidas: I - Protecção e melhoria do ambiente, dos solos e da água; II - Preservação da paisagem e das características tradicionais das terras agrícolas; III - Conservação e melhoria de espaços cultivados de grande valor natural; IV - Conservação de manchas residuais de ecossistemas naturais em paisagens predominantemente agrícolas; V - Protecção da diversidade genética.

De cada um destes grupos fazem parte diversas medidas, cuja candidatura decorre a partir de 2003 integrada no pedido de ajudas superfícies e animais (candidaturas INGA). Informação detalhada sobre as medidas em aplicação, condições de acesso, compromissos, valores de ajuda e candidatura pode ser obtida nas Direcções Regionais de Agricultura, nas Organizações de Agricultores e no sítio do Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica ([www.IDRHa.pt](http://www.IDRHa.pt)).

**Nicolau Galhardo**  
Chefe de Projecto do RURIS



Foto: Mário dos Santos / INDE

Club Biored

# Territórios protegidos em rede

O Club Biored surge, no âmbito do LEADER II, da necessidade sentida nos territórios rurais de evidenciar os seus recursos, através de caminhos eficazes que permitam aceder a mercados e organismos internacionais que, por si mesmos, não podem alcançar. Colmatar determinadas lacunas sentidas pelas ADL é o objectivo comum das entidades associadas.

A adesão de alguns países à União Europeia permitiu o desenvolvimento de rápidos processos de modernização que, se por um lado trouxeram uma melhoria substancial das condições de vida da generalidade da população, por outro não foram capazes de prevenir o acentuar de fragilidades e vulnerabilidades.

Se estas diferenças foram notórias comparando o contexto nacional com o internacional, não deixaram de o ser quando comparadas a nível interno entre os locais mais urbanos e os mais rurais.

O fenómeno da globalização implica que os territórios mais desfavorecidos se abram a múltiplas dimensões e nem sempre é fácil conciliar esta "pertença múltipla" com necessidades de fazer da proximidade um trunfo para conter as populações mais carenciadas, reforçar as actividades locais e assegurar os serviços de base. Neste contexto, a construção de laços pode precisamente facultar soluções de "geometria variável" que permitam conjugar o local e o global.

O aparecimento das Associações de Desenvolvimento Local (ADL) surge de diagnósticos territoriais realizados, através da avaliação de forças, fraquezas, ameaças e oportunidades das denominadas "áreas de influência", visando definir e pôr em prática estratégias e acções ajustadas que a curto e a médio prazo tenham impacto positivo e sustentável sobre as populações de núcleos mais desfavorecidos.

Objectivando concretizar e promover o desenvolvimento sustentável e o progresso económico e social duradouro dos territórios e das populações que integram as áreas de influência, surge a ideia de estabelecer parcerias a nível nacional e transnacional. O estabelecimento de parcerias resulta num verdadeiro valor acrescentado para os territórios. No entanto, as acções de cooperação não podem resumir-se a um mero intercâmbio de experiências, devendo consistir na realização de uma acção comum, se possível da responsabilidade de uma estrutura comum.

## Desenvolvimento integrado em rede

Neste sentido, no âmbito do Programa de Iniciativa comunitária LEADER II, um conjunto de ADL portuguesas e espanholas desenvolveram um projecto de cooperação transnacional, entre associações com territórios protegidos (Parques Nacionais, Parques Regionais, Parques Naturais, Rede Natura 2000), denominado Club Biored.

O Club Biored surgiu da necessidade sentida nos territórios rurais de evidenciar os seus recursos, através de caminhos eficazes que permitam aceder a mercados e organismos internacionais que, por si mesmos, não podem alcançar.

O objectivo comum das entidades associadas do Club Biored prende-se com o colmatar de determinadas lacunas sentidas pelas associações de desenvolvimento local, entidades associadas e comunidade local,

no sentido de implementar um projecto de desenvolvimento integrado em rede, das zonas de intervenção de cada uma, nomeadamente ao nível da promoção, valorização e comercialização dos produtos e serviços locais, difusão do património natural e cultural dos territórios, difusão documental e virtual da herança cultural e das suas áreas territoriais, bem como divulgação de projectos e iniciativas que contribuam para a criação de emprego, produtividade empresarial, investigação científica e técnica, e o desenvolvimento sustentado dos interesses próprios e comuns dos associados.

O Club Biored iniciou-se em Dezembro de 1997, sendo constituído como associação sem fins lucrativos, de carácter internacional, composta por entidades de carácter político, económico e social, de âmbito local e regional, que tem por objectivo promover o progresso económico e social sustentável dos seus territórios.

Os territórios do Club Biored são os seguintes: Alto Cávado, Zona de Intervenção da ATAHCA; Beira Serra, Zona de Intervenção da ADAE; Agueira, Dão e Caramulo, Zona de Intervenção da ADICES; Ilhas de S. Jorge, Pico, Faial e Flores, Zona de Intervenção da ADELIAÇOR; Lagoa, Vila Franca, Povoação, Nordeste e Ribeira Grande, Zona de Intervenção da ASDEPR; Madeira, Zona de Intervenção da ADRAMA; Oriente de Astúrias, Zona de Intervenção do Consórcio para el Desarrollo Rural del Oriente de Astúrias; El Hierro, Zona de Intervenção da El Hierro; La Palma, Zona de Intervenção da ADER LA PALMA; Manchuela Alta, Zona de Intervenção da ADIMAN e Granada, Zona de Intervenção do Consórcio Poniente Granadino.

Cooperar para desenvolver de forma sustentável é a linha orientadora de todos os que integram o Club Biored, sendo a cooperação o meio de aproximação entre povos de características diferentes mas com problemas comuns.

**José da Mota Alves**

Presidente da Junta Directiva do Club Biored



Flores - Zona de Intervenção da ADELIAÇOR

Foto: J. Mota Alves / INDE

## A floresta

# Biodiversidade e produção sustentável

A par da produção de bens directos, a floresta tem a particularidade de providenciar amplamente a satisfação de necessidades de natureza ambiental e social. No nosso país, atendendo às condições desfavoráveis de solo e clima, a floresta desempenha um papel de grande relevo na prevenção da erosão e formação de solo, na regularização e qualidade dos recursos hidrológicos e na amenização do clima.

A floresta cobre uma superfície aproximada de 3 350 mil hectares do território continental e ocupa mais de 38 por cento das áreas rurais, onde a agricultura e os incultos representam, respectivamente, 33 e 23 por cento dos usos de solo aí existentes. É essencialmente constituída por quatro formações vegetais: o pinhal bravo, o eucaliptal e os montados de sobre e azinho. Mas realce-se a existência de outras formações - os carvalhais, os soutos e o pinhal manso - com expressão local e regional significativa.

Predominantemente privada (mais de 92 por cento da sua superfície), a floresta tem uma importante função produtiva com fins industriais e efeitos multiplicadores nos processos de transformação de três importantes fileiras industriais: pinheiro bravo, cortiça e eucalipto. Destaque-se que em vastas regiões, especialmente as mais deprimidas, é a floresta praticamente a única riqueza económica que se está desenvolvendo, e que há-de reforçar o seu valor com a implantação de gestão activa. É, pois, um pólo em torno do qual se podem perspectivar processos de desenvolvimento económico e social.

A silvicultura no seu todo foi em 2001 geradora de um Valor Acrescentado Bruto (VAB) da ordem dos 750 milhões de euros, a preços correntes, e contribuiu com uma percentagem de 0,7 para o VAB Nacional. Para este mesmo ano e relativamente ao comércio internacional, estima-se que a fileira florestal tenha sido responsável por aproximadamente 10 por cento do montante global das exportações, sendo de realçar que, simultaneamente com o vestuário e o calçado, estes sectores são os únicos com superavit no saldo da balança comercial portuguesa.

Para além dos produtos referidos, os espaços florestais são fonte abundante de outros bens tais como frutos, cogumelos, caça, pesca, mel, plantas aromáticas, condimentares e medicinais, com valor económico significativo em determinados segmentos de mercado. Em simultâneo com a produção de bens directos, a floresta tem a particularidade de providenciar amplamente a satisfação de necessidades de natureza ambiental e social. No nosso país, atendendo às condições desfavoráveis de solo e clima, a floresta desempenha um papel de grande relevo na prevenção da erosão e formação dos solos, na regularização e qualidade dos recursos hidrológicos e na amenização do clima. A procura dos espaços florestais para recreio e lazer é cada vez maior, sendo já quase excessiva nas florestas próximas do litoral.

### 25 750 postos de trabalho aliados à silvicultura

A silvicultura está associada uma forte componente de trabalho, que se inicia na colheita de sementes e produção de plantas em viveiro, garante a prestação de serviços de arborização, manutenção e condução dos sistemas florestais existentes e termina na exploração do material lenhoso e extracção de resina ou cortiça, no caso dos montados de sobre.

Estima-se em 25 750 os postos de trabalho que a actividade silvícola promove por ano. Os sistemas silvo-lenhosos (pinheiro bravo e eucalipto), no âmbito das diversas actividades de silvicultura, ocupam cerca de 14 750 trabalhadores, a resinagem cerca de 2 000 trabalhadores e os montados de sobre e azinho ocupam cerca de 9 000 trabalhadores, na realização de podas e na extracção de cortiça. Ainda no que se refere ao emprego, a indústria transformadora das matérias-primas florestais garante mais de 150 000 postos de trabalho.

Tendo em conta que a silvicultura e a maioria das indústrias do sector se desenvolvem nas zonas rurais, podemos afirmar que a floresta, promovendo a criação de riqueza e emprego, desempenha um importante contributo para o desenvolvimento rural. No entanto, a característica minifundiária da propriedade em grande parte do país e a migração crescente da população rural para os meios urbanos e para o litoral, entre outros factores, geram o "abandono" de extensas áreas florestais e propiciam a ocorrência de incêndios que têm vindo a delapidar parte considerável do nosso património florestal.



Paula Ribeiro, fotos: Switkov / NDI

Para a protecção da floresta e manutenção equilibrada das suas diferentes funções é necessária a motivação dos proprietários florestais e a sua organização, de modo a garantir-se uma atitude profissional e a promoção de uma gestão eficiente. Organizações de proprietários florestais, representativas e com capacidade técnica de intervenção, são o meio mais apropriado para atingir esse objectivo.

Existem actualmente cerca de 140 organizações de proprietários florestais, distribuídas (embora não uniformemente) por todo o país. Com um passado muito recente, pois é a partir do início 1990 que se constitui a maioria destas organizações, formam já um movimento dinâmico e com uma importância indiscutível na aplicação de medidas de política florestal e de investimento no sector. Destaca-se o seu papel na defesa dos incêndios, através da significativa adesão ao Programa de Sapadores Florestais, que permitiu a capacitação de equipas (num total de 107) cuja principal função é a realização de acções de silvicultura preventiva, especialmente durante a época "morta", e vigilância e apoio ao combate durante a época de incêndios.

Todas estas actividades têm implicações económicas e sociais directas: a valorização dos recursos gerados nos espaços associados à floresta, mas também a valorização das pessoas que nelas intervêm. O caso dos Sapadores Florestais é o mais visível, porque as equipas são constituídas por pessoas que são previamente sujeitas a uma acção de formação, mas outras actividades estão a ser alvo de valorização, através da atribuição de carteiras profissionais ou certificados de aptidão profissional: operador florestal, motosserristas, operadores de máquinas florestais, produção de plantas em viveiro, extracção de cortiça e apanhador de sementes.

**Zita Costa**  
**Victor Louro**  
Direcção-Geral das Florestas

Projecto IPMRA

# À descoberta do Algarve rural

Resultado de um esforço de afirmação e demonstração do potencial dos recursos do mundo rural levado a cabo por diversos actores da região, o projecto IPMRA (Iniciativas de Promoção do Mundo Rural Algarvio) visa identificar os elementos patrimoniais que a natureza e a cultura rural algarvias podem partilhar com os visitantes.

Após alguns tímidos ensaios no campo da cooperação territorial, foi em 1999 que três associações de desenvolvimento local - Alcance, IN LOCO e Vicentina - e a Agência de Desenvolvimento Regional - Globalgarve decidiram apostar no aprofundamento dos mecanismos e dos métodos de trabalho em parceria para o Desenvolvimento Local.

A Alcance operando no Baixo Guadiana e Nordeste Algarvio, a IN LOCO no Interior-Centro do Algarve (Serra do Caldeirão), a Vicentina no território da Costa Vicentina e Serra de Monchique, e a Globalgarve consideraram que juntas poderiam atingir objectivos que isoladamente não teriam facilidade em concretizar, como por exemplo a definição e implementação de uma estratégia integrada de desenvolvimento para a região do Algarve, numa perspectiva local.

A proposta de acção resultante, cobrindo áreas como a formação, a animação local, a promoção do território, a informação para o mundo rural, entre outras, não encontrou um interlocutor único, tendo sido exploradas diversas vias de financiamento para os seus vários componentes. Numa região onde 80 por cento da economia regional se centra num só sector - o turismo - não foi estranho o facto de a primeira componente a reunir as condições para a sua implementação tenha sido a da promoção.

Com o apoio financeiro da Comissão de Coordenação da Região do Algarve (CCRAlgarve), através do Programa Operacional Regional (PROAlgarve), e a parceria com a Região de Turismo do Algarve, foi montada uma campanha de promoção que, no entanto, foi perdendo por imperativos de financiamento o seu carácter integrado e integrador, bem como alguns dos seus objectivos iniciais (ligados à promoção do território em sentido lato, a educação e a animação patrimonial, para além da intervenção directa na qualificação do património natural e cultural).

## Seis percursos de descoberta

No entanto, esta foi a primeira vez que nesta região tantos actores locais e regionais se articularam neste domínio, num esforço de afirmação e demonstração do potencial dos recursos do mundo rural. O projecto IPMRA (Iniciativas de Promoção do Mundo Rural Algarvio) visa em

primeiro lugar identificar os elementos patrimoniais que a natureza e a cultura rural algarvia podem partilhar actualmente com visitantes vindos da própria região ou do exterior.

Para um melhor conhecimento das motivações dos visitantes e das formas de comunicação mais eficazes foi realizado um Plano de Marketing para o Mundo Rural que forneceu algumas indicações para a realização dos instrumentos de comunicação e promoção. Destes, destacamos a realização de três brochuras onde se desafiam os leitores para a descoberta de percursos nas sub-regiões naturais do Algarve: Costa Vicentina, Serra de Monchique, Barrocal, Serra do Caldeirão, Baixo Guadiana e Nordeste Algarvio. Estes percursos resultaram do profundo conhecimento do território e dos seus recursos e que as ADL têm vindo a consolidar, fugindo aos pontos e trajectos "turísticos" comuns e procurando orientar os visitantes para os locais onde as comunidades rurais continuam num "braço-de-força" contra a desertificação e o isolamento, tentando demonstrar a uns que este território é difícil mas pleno de potencialidades e a outros que afinal o seu território é digno de admiração e interesse.

O Livro de Vilas e Aldeias é uma outra publicação que foca a atenção sobre 25 aldeias e vilas rurais e que espelha a enorme diversidade e riqueza das comunidades rurais.

As linhas de acção mais motivadoras foram as que tinham como alvo as comunidades e os portadores de projectos locais, tais como a "Campanha de Sensibilização para o Mundo Rural", procurando re-estabelecer a ligação entre a comunidade escolar juvenil do litoral e os valores naturais e culturais do mundo rural, e o "Selo de Recomendação da Restauração", que tem como objectivo re-qualificar a gastronomia e o serviço na restauração rural, elementos importantes para a atractibilidade e para o estímulo da produção e transformação agro-alimentar local.

Um dos principais resultados deste primeiro projecto conjunto é, sem dúvida, a constatação da capacidade e vontade das ADL de continuarem a trabalhar em conjunto pelo desenvolvimento de base local no Algarve.

Artur Filipe Gregório  
IN LOCO



Serra do Caldeirão



Serra do Caldeirão, Alentejo / INDE

## Mestres em conservação e restauro de documentos gráficos

# Dão vida nova a velhas obras

Chegam quase sempre com a capa e lombada danificadas, as folhas separadas, rasgadas ou simplesmente manchadas, as guardas desarmadas, as costuras a dar de si e os nervos em frangalhos. Identificar e tratar destas e outras mazelas que o tempo vai deixando nos livros e outros documentos gráficos, num permanente e exigente exercício de habilidade e paciência, é o trabalho fascinante de Dinis Lemos e Filipe Alves.

Quais cirurgiões, Dinis Lemos e Filipe Alves jamais avançam para uma intervenção, por mais simples que possa parecer à primeira vista, sem um exame rigoroso de todas as obras que chegam à Oficina-Escola de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos de Felgueiras.

Depois de registado, todo e qualquer documento avulso ou livro, em suporte papel, pergaminho ou outro, é minuciosamente analisado ao nível do seu estado geral de conservação - recorrendo-se quase sempre à máquina fotográfica para um registo mais fiel - para numa terceira fase se avançar com o tratamento específico para cada um dos problemas identificados.

Ainda assim, o primeiro veredicto por mais completo e rigoroso nem sempre se mantém. Não raras vezes, à medida que o processo de restauro avança surgem "surpresas" ou "azares" obrigando a parar ou até mesmo voltar atrás. Filipe recorda o que lhe sucedeu ainda não há muito tempo quando, depois de quase um dia inteiro de trabalho a preencher com pasta de papel a folha de um livro que se encontrava totalmente separada, teve de desmontar tudo no dia seguinte e recomeçar de novo.

"É um trabalho de chinês", afirma Dinis para revelar que nalguns trabalhos sente necessidade de fazer uma pausa. "Há alturas em que ficamos um bocado saturados, e aí temos de parar, aliviar as ideias para voltarmos mais calmos".

Muita dedicação e paciência serão, sem dúvida, os requisitos necessários para seguir a profissão de conservador/restaurador de documentos gráficos. Requisitos que Dinis e Filipe talvez nem sonhassem possuir há alguns anos quando, nada nem ninguém fazia antever tal futuro profissional para estes dois jovens.

Filipe, natural de Felgueiras, e Dinis do concelho de Celorico de Basto, eram em 1993, altura que o projecto da Oficina-Escola nasce dois jovens de 21 e 25 anos, respectivamente. Filipe trabalhava na área da contabilidade, mas o "gosto pelas artes" que confessa sempre ter tido, leva-o a frequentar a formação que haveria de mudar a sua vida. Já Dinis estava desempregado quando surge o curso, por isso, não pensa duas vezes e inscreve-se.

### Formação profissional especializada

Entram de "olhos tapados", como dizem, no "curso de técnicos auxiliares de conservação e restauro de documentos gráficos", promovido pela Escola Profissional de Felgueiras, no quadro do programa comunitário de formação profissional FORTECA (criado no âmbito do PRODEP) mas, depois das 1 200 horas de formação, saem bastante entusiasmados. Verificando-se este entusiasmo e apetência de vários formandos para abraçar a profissão, bem como a falta de técnicos nesta área, aquela Escola, a Câmara Municipal de Felgueiras e a Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa conjugaram-se num esforço de parceria e o projecto da Oficina-Escola de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos de Felgueiras é apresentado ao Programa LEADER I.

No âmbito da candidatura foram colocados dois objectivos essenciais: uma acção de formação profissional especializada de jovens na área do

restauro de documentos gráficos (que decorreu entre Novembro de 1994 e Março de 1995) e que incluiu formação em estágio em diversas instituições da área, e o apetrechamento da Oficina-Escola nas vertentes de conservação, restauro e acomodação de obras de arte documental, encadernação e decoração e manufactura de papel.

O LEADER I permite, de facto, erguer o projecto mas a sua consolidação viria a dar-se mais tarde, com a aprovação de dois projectos promovidos pela Ader-Sousa no âmbito do LEADER II. Graças ao apoio financeiro daquele Programa foi possível voltar a apostar na formação profissional, proporcionando aos jovens que em 1993 tinham dado os primeiros passos na actividade uma nova oportunidade através da frequência de duas "acções de formação profissional avançada em restauro de documentos gráficos"; a primeira entre Setembro de 1995 e Agosto de 1996, a segunda entre Janeiro e Junho de 1997.

Terminada a formação, dois dos 16 formandos são convidados a integrar o quadro técnico da Oficina-Escola de Felgueiras e esta abre, finalmente, as suas portas. Desde então Filipe e Dinis, não têm tempo a perder, aceitando trabalhos de todo o país. A Oficina chegam sobretudo obras oriundas da Biblioteca de Felgueiras (cujo acervo são responsáveis), de outras bibliotecas municipais, como a de Viana do Castelo e a de Torres Vedras, mas também de diversas instituições públicas ou privadas e, embora muito menos frequente, de particulares.

O acompanhamento técnico dado é, basicamente, o mesmo. Sejam documentos avulsos ou livros, o tipo de problemas até nem varia muito. As manchas de gordura deixadas pelos dedos, as de tinta ou simplesmente de humidade, e as roturas ao nível da lombada e costuras, são os mais frequentes. Contudo, a idade e a proveniência marcam a diferença do princípio ao fim, desde o exame ao acondicionamento, passando pelo tratamento. "Quando aparecem aqui obras muito valiosas, como um foral em pergaminho do século XIII" (talvez a obra mais antiga que já passou por aqui), pensamos duas vezes antes de meter mão à obra", desabafa Filipe.

continua >>



Foto: Lemos / INEEL



Filipe Alves



Dinis Lemos

Ao mesmo tempo que mostra algumas “peças para tratamento” e “peças tratadas”, Filipe vai explicando que mesmo quando se trata de problemas comuns o tipo de tratamento pode variar consoante se esteja perante documentos manuscritos ou impressos, em suporte papel ou pergaminho, com ou sem gravuras. “Neste caso”, diz, pegando num livro, “se fosse uma obra avulso era possível retirar estas manchas quase por completo através de um branqueamento mas tratando-se de um livro não vamos poder fazer isso”. Recorrendo a outro livro, Filipe sublinha outro tipo de problema para mostrar que “restaurar é aproveitar ao máximo tudo o que lá está”, não é substituir por material novo por muito próximo que possa ficar do original.

#### Ficha de tratamento é obrigatória

Este é apenas um entre os muitos problemas com os quais o conservador/restaurador se confronta no seu dia-a-dia e que exigem soluções rápidas e acertadas. Regra geral, o tratamento inicia-se com uma limpeza, seguindo-se as fases do branqueamento, neutralização, alcañização, consolidação e reintegração do suporte e, finalmente, o acondicionamento. E se a estes vários momentos se juntarem os tempos de pausa que cada uma das fases exige, uma obra pode andar nas mãos do Filipe ou do Dinis várias semanas ou mesmo meses. Tratando-se de um serviço altamente especializado, cem por cento manual, no final, contas feitas, o valor da factura pode ir das centenas aos milhares de euros.

Procurando exemplificar, Filipe reconstitui mentalmente o processo no caso de um livro: “Pegamos num livro e começamos a desmontá-lo; as folhas são separadas e tratadas uma a uma e depois vão ao secador; como têm de ficar muito bem secas, temos de dar tempo ao tempo; depois são reintegradas ou reforçadas, prensadas e novamente agrupadas de acordo com o original (e conforme registo na folha de coacção): juntando-se-lhes as capas e lombada devidamente tratadas, segue-se a encadernação (a parte mais simples) e, finalmente, o acondicionamento (que pode ser um “simples” envelope ou uma caixa *acid-free* (cartolina sem ácido)).

Ressalvando que a situação tem vindo a melhorar, Filipe considera que intervenções sem o apoio ou o trabalho de técnicos qualificados no restauro de documentos gráficos são ainda muito frequentes no nosso país. E por isso, acontece aparecerem obras que embora tenham sido anteriormente sujeitas a intervenções, apresentam problemas muito graves, por vezes, irreparáveis. Além disso, apresentando-se sem a devida

ficha de tratamento que todos os conservadores/restauradores devem juntar à obra tratada (na qual são rigorosamente anotados todos os procedimentos a que determinada obra foi sujeita), o trabalho de restauro torna-se mais complicado senão impossível.

Por desconhecimento ou simplesmente face à falta de técnicos nesta área, muitas entidades e particulares ainda caem na tentação de entregar as obras a alguém sem preparação que se oferece para fazer o trabalho a um preço barato. Assim, a par da formação profissional especializada de base, é importante que os conservadores/restauradores não se fechem na sua oficina e procurem informar-se e actualizar-se quer junto dos colegas de profissão como das entidades com competências na matéria como, neste caso, o Instituto Português de Conservação e Restauro (IPCR).

#### Um mundo pequeno

Tendo consciência da pequena dimensão deste mundo da conservação e restauro de documentos gráficos, Filipe e Dinis procuram manter o contacto com as suas ex-formadoras e colegas de estágio. “Há pouca gente a trabalhar nesta área e por isso quando surgem problemas há que discuti-los, dar-lhe solução”. Ao nível do tratamento, por exemplo, Filipe recorda que já lhe aconteceu não saber o que fazer para remover uma “estranha” película de uma obra. Por isso, quando é preciso, recorrem “a pessoas que sabem mais do que nós, que se dedicam à investigação de técnicas e produtos para a área da conservação e restauro”.

Chegados a este ponto, convém referir que a maioria dos produtos utilizados no tratamento são inofensivos para o ambiente. À par dos químicos (alguns tóxicos e inflamáveis) muitos são quase cem por cento “naturais”, como as colas à base de amido de arroz, ou trigo. O problema aqui é mesmo encontrar estes produtos no mercado. O álcool, a acetona e o bicarbonato de sódio, por exemplo, não constituem problema mas ao nível dos consumíveis de restauro, muitas vezes, nem os fornecedores do Porto nem Lisboa conseguem dar uma resposta.

Mas mesmo quando surgem estas pequenas contrariedades, Filipe e Dinis não desanimam... Há seis anos nisto, num esforço de criação de boas práticas de conservação e restauro para a sua melhor divulgação, Filipe e Dinis já não se imaginam a fazer outra coisa... trabalho não lhes falta!

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt



Foto: F. Ader-Sousa

Textos de João Limão e Paula Matos dos Santos

Território constituído em torno da bacia hidrográfica do rio Sousa e encaixado entre o litoral norte e os contrafortes rochosos de Trás-os-Montes, tem a sua identidade física e cultural sedimentada em séculos de história. No presente, o estatuto periurbano e as acentuadas assimetrias entre espaços urbanos e rurais constituem os maiores problemas.

A Zona de Intervenção (ZI) da Ader-Sousa – Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa engloba cinco concelhos – Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Penafiel e Paredes – do distrito do Porto, abrangendo 101 freguesias do total das 135 que os constituem. O desfazamento no número de freguesias acontece porque o território considerado não corresponde em rigor às fronteiras dos cinco municípios que o constituem, representando apenas 76,5 por cento de uma área global que abarca 653 km<sup>2</sup>. Excluídas as áreas das freguesias que compõem núcleos urbanos, o território abrangido corresponde a uma área de 500 km<sup>2</sup>, equivalente a uma população de 99106 habitantes, de acordo com os Censos de 1991, que atesta uma densidade populacional de 198 habitantes por km<sup>2</sup>, em contraste com os 486 habitantes por km<sup>2</sup> da globalidade territorial.

Conforme admite o coordenador do GAL da Ader-Sousa, José António Barbieri Cardoso, trata-se de um “território de grandes contrastes”, com uma dinâmica demográfica heterogênea. Regista-se uma perda populacional nas zonas rurais, com o conseqüente deslocamento para núcleos mais urbanos. Ainda de acordo com Barbieri Cardoso, “a principal dificuldade foi distinguir o que é rural e o que não é. Por isso fizemos uma espécie de espacialização do território em que actuamos através da definição de manchas.” A partir desta consideração espacial em manchas, permite-se

concluir que o território sofreu uma perda de população de 6,9 por cento entre 1981 e 1991.

Quebra populacional que não encontra paralelo na pirâmide etária da região. O índice de envelhecimento médio de 35,92, corresponde a uma população de 68150 jovens com menos de 14 anos, em contraste com 24 640 indivíduos com mais de 65 anos, de acordo com dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) de 1998. Segundo o Agrupamento de Municípios do Vale do Sousa (VALSOUZA), Lousada e Paredes são mesmo os municípios mais jovens da União Europeia.

#### Crescimento acentuado do secundário

Os contrastes verificados entre núcleos rurais e urbanos assentam em duas condicionantes: o estatuto de zona periurbana e o desenvolvimento acentuado do sector secundário. Dependente de núcleos funcionais do Porto, o território vê-se pressionado pelo crescimento do tecido urbano que se desloca para áreas periféricas desta cidade. Ao mesmo tempo, o elevado desenvolvimento do sector secundário, a partir dos anos 70, contribui de forma decisiva para a fixação no território, em especial nos núcleos mais urbanizados, mas implica continuas ondas de deslocação para as cidades.

De acordo com dados da Ader-Sousa, o sector secundário continua a ser a principal fonte de emprego da região, ocupando 71,6 por cento da população activa. Em contraste, apenas 5,1 por cento desenvolvem actividades no sector primário, e 23,3 por cento têm a sua ocupação ligada ao sector terciário.

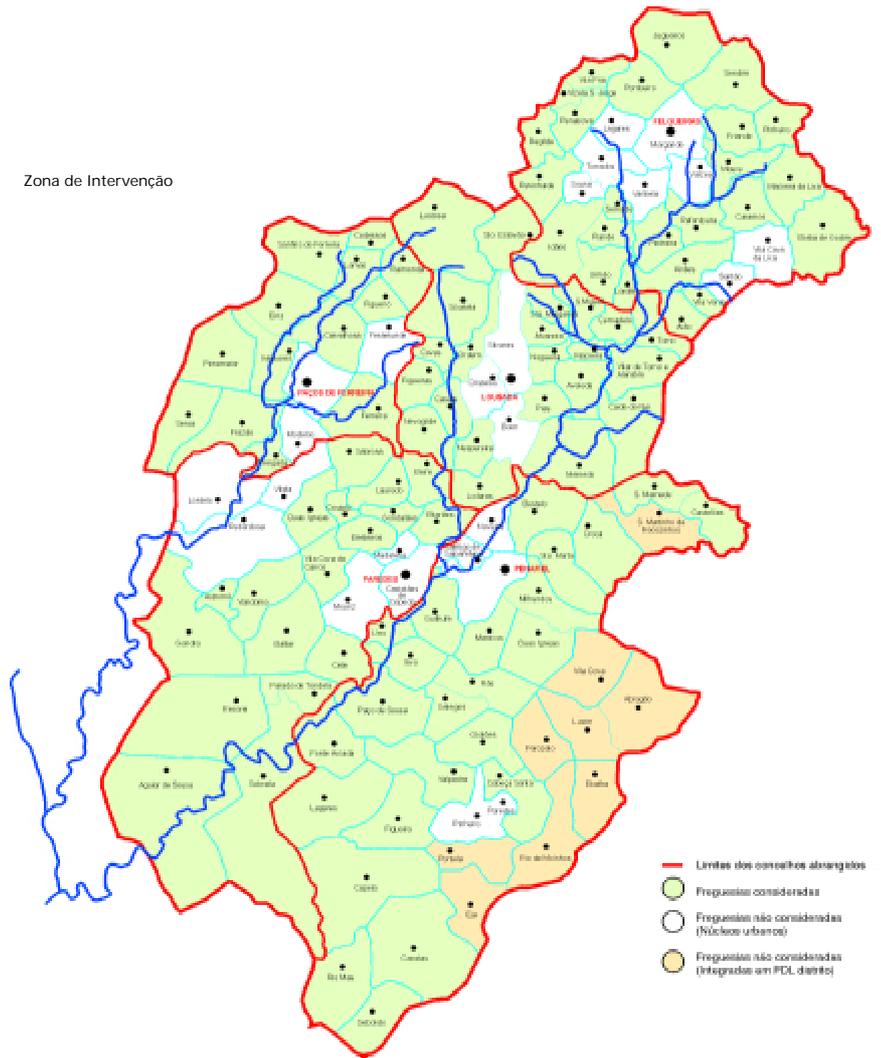
Uma mão-de-obra acessível e barata, aliada a uma notável capacidade empreendedora foram os tónicos de desenvolvimento do sector secundário na região. Calçado, têxteis e mobiliário são as três áreas tradicionais de implantação industrial, sendo as principais responsáveis pelas 5 023 sociedades sediadas nos cinco concelhos, conforme dados do INE de 1998. Ao nível do mobiliário, Paços de Ferreira ostenta orgulhosamente o estatuto de “Capital do Móvel” a nível nacional. A indústria de mobiliário

da região contribui para a produção de 65 por cento dos totais nacionais. Regista-se ainda algum investimento noutras áreas de industrialização, como o sector metalúrgico, embora sem o mesmo nível de expressão. Em Paredes, sem existir um grau de especialização tão acentuado, o secundário emprega 62 por cento da população activa do concelho. Já Felgueiras revela um alto índice de especialização no sector do calçado, actividade desenvolvida por 65 por cento das empresas industriais do concelho. Uma produção diária de 250 mil pares de sapatos, 85 por cento dos quais destinados à exportação, torna este concelho responsável pela produção de 50 por cento da exportação nacional de calçado. É no domínio do calçado que a região verifica um maior investimento em tecnologia de ponta aplicada à indústria. Diversas empresas felgueirenses já dispõem de tecnologia superior à dos países concorrentes na produção de calçado. A industrialização, apesar de acarretar consequências negativas, com sérios impactos ambientais e paisagísticos, com problemas de ordenamento fruto do crescimento anárquico do sector, expressa-se de forma positiva ao nível do emprego. Na região, a taxa de desemprego tem-se mantido estável. Dados da Ader-Sousa, durante o LEADER II, apontavam para uma taxa de desemprego total correspondente a 2,4 por cento, na globalidade dos cinco concelhos da ZI. Contudo, uma análise mais detalhada do território permite perceber que, apesar deste equilíbrio, nas zonas mais rurais verifica-se algum aumento de desemprego.

**Agricultura como complemento**

Face ao exponencial crescimento do sector secundário, a agricultura viu-se relegada para um papel complementar na economia familiar. Com pontos fortes em áreas como a vinha ou a silvicultura, e em produtos como o melão “casca de carvalho”, a agricultura da região é também caracterizada por ser uma policultura praticada de forma intensiva, com produção de hortaliças, legumes, frutas, feijão e batata, em pequenas propriedades, com uma média de pouco mais de um hectare. A dimensão da propriedade é um dos principais condicionantes à produtividade, sendo o clima, com temperaturas médias não muito altas e a frequente ocorrência de geadas, o outro elemento de maior condicionamento. No capítulo da atractividade turística, o território conta com uma apreciável riqueza histórica e patrimonial. Pelo Vale do Sousa passaram e se fixaram Suevos, Celtas, Romanos, Visigodos e Mouros. Destas passagens resultaram inúmeros vestígios arqueológicos, dos quais se destacam o Dólmen de Lamoso, a Citânia de Sanfins, que é a estação arqueológica mais significativa da cultura castreja do Noroeste Peninsular, e a Villa Romana de Sendim. Do período de presença céltica conservam-se inúmeros artefactos, olaria, joalheria, armas, instrumentos de trabalho, esculturas humanas e de animais patentes no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Espaço museológico, que representa um importante contributo para a preservação da memória histórica da região. Em relação a vestígios da época medieval sobressai sobretudo o património arquitectónico religioso. A Terra de Sousa é palco de um vasto conjun-

Zona de Intervenção



to arquitectónico do românico rural com vocação religiosa, de que são exemplos maiores o Mosteiro de Pombeiro, a Igreja Matriz de Meinedo, a Igreja de São Pedro de Ferreira, o Mosteiro de Bustelo, a Igreja Paroquial de São Pedro de Raimonda, o Mosteiro de Cête, a Igreja de Bitarães, ou o Mosteiro Paço de Sousa, exemplos de Arte Românica Nacional, alguns dos quais são património classificado pelo IPPAR. A profícua existência de numerosos mosteiros e igrejas dos séculos XII e XIII, criou condições para o desenvolvimento da Rota do Românico Medieval, como reflexo do desenvolvimento social e humano na Alta Idade Média. Nesta dinâmica activa de criação de percursos históricos e etnológicos, a Ader-Sousa conta com a participação em dois projectos de cooperação - Aldeias de Portugal e Aldeias de Tradição -, através dos lugares de Cabroelo e Quintandona (concelho de Penafiel), e o núcleo rural de Burgo (concelho de Felgueiras).



ISS E/ Ader-Sousa

No capítulo dos produtos regionais com qualidade reconhecida, a região ostenta o vinho verde, resultado dos solos, clima e castas tradicionais - Azal, Trajadura, Paderná e Loureiro -, o melão “casca-de-carvalho”, o pão-de-ló de Margaride, o capão de Freamunde, as broas de milho e o mel. O melão “casca-de-carvalho” e o capão estão já em processo de certificação. Aliada à riqueza de produtos alimentares sobressai a fecunda gastronomia tradicional, como elemento apelativo para uma visita à região. Cabrito com arroz no forno, lampreia, sável, sopa seca, pão-de-ló e bolinhos de amor, são alguns exemplos da sabedoria culinária do Vale do Sousa.

# PDL LEADER+ da Ader-Sousa

## Melhorar a qualidade de vida

O Programa de Desenvolvimento Local (PDL) "Terra de Sousa +", elaborado pela Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa, no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária para o Desenvolvimento Rural LEADER+, tem como tema forte a "Melhoria da qualidade de vida nas zonas rurais".

A selecção do tema prende-se com a avaliação feita do território, nomeadamente a constatação do agravamento do desequilíbrio de desenvolvimento entre zonas urbanas e rurais. Nas áreas rurais registam-se "indicadores sociais afilivados", tais como insegurança no emprego ou a escolaridade precária. Além disso, não obstante a população municipal aumentar na sua globalidade, uma análise mais pormenorizada permite perceber a perda de quantitativos populacionais no meio rural. Este desequilíbrio obriga a que a intervenção da Ader-Sousa passe pela exclusão das zonas onde existem bolsas de desenvolvimento, e concentre o trabalho nas áreas mais desfavorecidas.

A associação também decidiu alargar a parceria aos concelhos de Paredes e Penafiel, por forma a abranger todo o Vale do Sousa. Desta forma, pretende-se assegurar uma candidatura mais coerente, num território também mais coerente, e com uma área territorial mais homogênea. Também nesta nova fase de transição do LEADER II para o LEADER+, o "Terra de Sousa +" pretende acentuar o carácter de compromisso que o programa assumiu em anteriores iniciativas, conjugando dinâmicas diferenciadas, criando sinergias, promovendo solidariedades, sem esquecer o papel das comunidades rurais na sua implementação. Para isso, a associação estabeleceu um conjunto de sete ideias-chave: parceria, território, integração, experiência, participação, inovação e comunicação, nas quais assenta a estratégia de desenvolvimento do PDL.

Além destas ideias, o "Terra de Sousa +" comporta ainda a definição de nove objectivos operacionais: estimular envolvimento da população para questões de natureza social, cultural e ambiental; organizar e revalorizar os recursos naturais, culturais e históricos no sentido da sua

conservação e fruição; promover imagem de autenticidade e qualidade do território; estimular a organização, certificação, promoção e comercialização dos produtos do território, tendo em vista a qualidade e crescente globalização; apoiar o desenvolvimento de processos tecnológicos de qualificação, valorização e modernização de produtos de origem local; desenvolver acções de formação essenciais ao desenvolvimento do plano; apoiar a inovação, investigação e novas tecnologias para os diversos sectores de actividade tradicional, estimulando o aparecimento de novos produtos e formas de produção; apoiar dinâmicas empresariais e a articulação público/privado por forma a conceber um desenvolvimento estratégico do turismo; e estimular o aparecimento de novos serviços, sobretudo no domínio das actividades culturais, turísticas e de acompanhamento técnico às actividades - são os objectivos que se pretendem atingir através da execução das medidas, sub-medidas e componentes que compõem o PDL.

Para a Ader-Sousa, o maior desafio do LEADER+, "é conseguir inverter a tendência negativa em áreas de

trabalho cujos resultados ficaram aquém das expectativas" durante o LEADER II, de que é exemplo a aposta na agricultura biológica. Este desafio não invalida a continuidade noutras áreas que funcionaram com sucesso. Desta forma, o PDL contempla o apoio à produção animal e vegetal, agricultura, artesanato e ofícios tradicionais, estruturas turísticas, estruturas de comercialização, certificação de produtos, património arqueológico e arquitectónico edificado, formação profissional, sensibilização ambiental, promoção do território, animação sócio-cultural, investigação ou apoio técnico.

Até ao momento, ainda não há projectos aprovados (à excepção de dois projectos promovidos pela própria associação). Contudo, entraram na Ader-Sousa 106 intenções de candidatura, o que corresponde a mais do dobro do valor das verbas disponíveis. "Continuamos a trabalhar projectos com verbas limitadas, por isso exigimos que essas verbas sejam aplicadas da melhor forma possível, sendo muito rigorosos".



Imagem: F. Ader-Sousa

## Plano de Desenvolvimento Local Medidas, submedidas e componentes - resumo

### MEDIDA 1 – Investimentos

#### Submedida 1.1 – Investimentos em infra-estruturas

##### **Componente 1 Infra-estruturas colectivas**

Estimular o envolvimento da população em questões de natureza social, cultural e ambiental, sensibilizando para problemas do território.

##### **Componente 2 Espaços públicos em meio rural**

Promover imagem de autenticidade e qualidade do território, de forma a melhorar visibilidade e reconhecimento da sua identidade.

##### **Componente 3 Apoio técnico ao desenvolvimento rural**

Estimular aparecimento de novos serviços, sobretudo no domínio de actividades culturais, turísticas e de acompanhamento técnico a actividades económicas.

#### Submedida 1.2 – Apoio a actividades produtivas

##### **Componente 1 Produção animal qualificada**

Apoiar inovação, investigação e novas tecnologias em actividades tradicionais, estimulando o aparecimento de novos produtos e formas de produção.

##### **Componente 2 Produção vegetal alternativa**

Apoiar inovação, investigação e novas tecnologias em actividades tradicionais, estimulando o aparecimento de novos produtos e formas de produção.

##### **Componente 3 Produtos da agro-indústria familiar**

Apoiar inovação, investigação e novas tecnologias em actividades tradicionais, estimulando o aparecimento de novos produtos e formas de produção.

##### **Componente 4 Artesanato e ofícios tradicionais**

Apoiar desenvolvimento de processos tecnológicos de qualificação, valorização e modernização de produtos de origem local.

##### **Componente 5 Estruturas turísticas**

Apoiar dinâmicas empresariais e articulação público/privado por forma a conceber um desenvolvimento estratégico do turismo.

##### **Componente 6 Estruturas de comercialização**

Estimular organização, certificação, promoção e comercialização dos produtos do território, tendo em vista a qualidade e globalização.

##### **Componente 7 Certificação de produtos**

Estimular organização, certificação, promoção e comercialização dos produtos do território, tendo em vista a qualidade e globalização.

##### **Componente 8 Serviços turísticos**

Estimular aparecimento de novos serviços, sobretudo no domínio das actividades culturais, turísticas e de acompanhamento técnico às actividades económicas.

#### Submedida 1.3 – Outras acções materiais

##### **Componente 1 Património arqueológico e edificado**

Promover imagem de autenticidade e qualidade do território.

##### **Componente 2 Bacia Hidrográfica da Terra de Sousa**

Organizar e revalorizar recursos naturais, culturais e históricos existentes no sentido da sua conservação e fruição.

##### **Componente 3 Estruturas ecológicas**

Apoiar inovação, investigação e novas tecnologias para diversos sectores da actividade tradicional.

##### **Componente 4 Estruturas turísticas**

Apoiar dinâmicas empresariais e articulação público/privado por forma a conceber o desenvolvimento estratégico do turismo.

### MEDIDA 2 – Acções imateriais

#### Submedida 2.1 – Formação profissional

##### **Componente 1 Formação específica**

Desenvolver acções de formação essenciais ao desenvolvimento do plano.

#### Submedida 2.2 – Outras acções imateriais

##### **Componente 1 Sensibilização para a preservação ambiental**

Estimular o envolvimento da população para as questões de natureza social, cultural e ambiental.

##### **Componente 2 Promoção da Terra de Sousa**

Promover imagem de qualidade e autenticidade do território.

##### **Componente 3 Animação sócio-cultural da Terra de Sousa**

Estimular aparecimento de novos serviços, sobretudo no domínio de actividades culturais, turísticas e de acompanhamento técnico às actividades económicas.

##### **Componente 4 Apoio técnico ao desenvolvimento rural**

Estimular aparecimento de novos serviços.

##### **Componente 5 Estudos e investigação**

Apoiar inovação, investigação e novas tecnologias, estimulando o aparecimento de novos produtos e formas de produção.

### MEDIDA 4 – Despesas de funcionamento do GAL

#### Submedida 4.1 - Recursos humanos

#### Submedida 4.2 - Informação e publicidade

#### Submedida 4.3 - Sistema de informação

#### Submedida 4.4 - Avaliação

#### Submedida 4.5 - Funcionamento

#### Submedida 4.6 - Equipamento

# Ader-Sousa

## Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa



No terreno há quase 12 anos, a Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento

Rural das Terras de Sousa prepara-se para dar o salto, com a certificação da associação enquanto entidade gestora de programas. Depois da experiência do LEADER I e II e com o LEADER+, o AGRIS, AGRO, EQUAL e POEFSD em cena, a qualidade é a grande aposta da Ader-Sousa.

Pegando nas palavras do coordenador do GAL da Ader-Sousa, José António Barbieri Cardoso, na associação desde a primeira hora, "a questão da certificação é uma exigência nossa. Se no LEADER II tivemos projectos que são emblemáticos do desenvolvimento rural, no LEADER+ queremos manter a fasquia alta e isso depende não só da exigência do programa como das nossas próprias exigências".

Desde a candidatura aos programas, a metodologia definida, os critérios adoptados, o objectivo é definir e documentar todos os passos, numa atitude de transparência, rigor e qualidade. "Porque continuamos a trabalhar com verbas limitadas temos de exigir-nos que essas verbas sejam aplicadas da melhor forma possível", sublinha Barbieri Cardoso.

Também o alargamento da zona de intervenção (inerente à própria candidatura ao LEADER+) aos concelhos de Paredes e Penafiel - que se juntam assim a Lousada ("conquista" do LEADER II), Felgueiras e Paços de Ferreira (território LEADER I) - e, consequentemente, da parceria envolvida, acabou por trazer um grande desafio ao GAL da Ader-Sousa, quer ao nível das entidades envolvidas quer da própria equipa técnica.

Segundo o coordenador do GAL, "o facto de termos agora mais dois municípios é, de certa forma, estimulante porque sendo novos estão com mais expectativas, e nós temos de responder a essas expectativas" (daí a questão da certificação).

Ao nível das parcerias, começaram por ser duas câmaras municipais em seis parceiros, depois três em nove, e hoje são cinco em 15. A dispersão é maior, é certo, mas sendo "cinco câmaras com sensibilidades diferentes, quer políticas quer estratégicas, há "aquí necessidade de fazer um trabalho de motivação, de influência até, que permita que estas câmaras possam, juntamente com os agentes de cada um dos respectivos municípios, fazer uma aposta coerente em termos de desenvolvimento rural", refere o coordenador do GAL.

O facto de estar ligado à câmara municipal de Felgueiras, na qual já se encontrava à data da elaboração da candidatura ao LEADER I, em 1991, longe de ser uma desvantagem é, para Barbieri Cardoso, uma mais-valia, na medida em que conhecendo muito bem o funcionamento institucional das câmaras, pode fazer um trabalho ao nível da

parceria que de outro modo seria muito mais difícil. Por outro lado, apesar de não estar fisicamente todos os dias na associação, o contacto é permanente. A existência de um equipa de trabalho interna estruturada, na qual confia totalmente para desenvolver os projectos da associação, deixa-o completamente tranquilo.

Actualmente, o LEADER ainda é a peça fundamental na Ader-Sousa mas a sua importância tem vindo a decrescer; em valores percentuais, 100 no LEADER I, 80 na segunda fase do Programa e neste momento 60 (de acordo com os números avançados pelo próprio coordenador do GAL). Após uma década de trabalho no terreno, a Ader-Sousa conseguiu "conquistar" as câmaras e outras entidades colectivas públicas e privadas da região, mostrando que o trabalho que desenvolvem é importante e necessário e, por isso, elas mostram-se dispostas a investir para que esse trabalho continue a ser feito.

Não obstante, é objectivo da Ader-Sousa avançar com projectos que possibilitem alguma auto-sustentabilidade num futuro próximo, sobretudo a partir de 2006. Não se tratando de uma ideia nova na associação, pois este é um projecto que, de certa forma, já vem vindo a ser trabalhado desde o LEADER I, o objectivo é, conforme adianta José Sousa Guedes, avançar com o processo de certificação de alguns produtos locais de valor reconhecido.

Com o LEADER+, a Ader-Sousa vai naturalmente "atacar" situações que ficaram abaixo das expectativas nas anteriores fases do Programa (de que a agricultura biológica é um bom exemplo), mas também em situações que obtiveram êxito, desde que continue a haver espaço para projectos nessas áreas.

Com a chegada do AGRIS, AGRO e EQUAL à Ader-Sousa a tendência é, cada vez mais, cruzar os financiamentos dos vários programas de forma a melhorar as condições de vida das populações. "O LEADER começou por ser o principal instrumento financeiro da Ader-Sousa mas agora é apenas mais um instrumento para podermos desenvolver o nosso trabalho", garante José Sousa Guedes. "A grande vantagem do LEADER continua a ser a forma ligeira como funciona", acrescenta.

Tirando partido do LEADER e de outros programas, da experiência recolhida ao longo da última década, e da parceria gerada, a Ader-Sousa poderá continuar a promover o desenvolvimento rural nas Terras de Sousa.

**ADER-SOUSA**  
**Mosteiro de Pombeiro**  
**Pombeiro**  
**4610-637 Felgueiras**  
**Telefone: 255 311 230**  
**Fax: 255 311 275**  
**E-mail: adersousa@adersousa.pt**  
**Site: www.adersousa.pt**

### Órgãos Sociais

**Mesa da Assembleia-Geral:** Presidente António Pereira (C. M. Felgueiras) | Vice-presidente José Granja da Fonseca (C. M. Paredes) | Secretário Joaquim Queirós (Associação das Empresas Comerciais de Lousada) | Vogais Francisco Lino (Associação para a Promoção das Classes Sociais Menos Favorecidas - Paços 2000), José Leão (Cooperativa Agrícola de Paredes), Alberto Couto (Associação Empresarial de Penafiel) | **Direcção:** Presidente Arménio da Assunção Pereira (C. M. Paços de Ferreira) | Vice-presidente Vitor Costa (C. M. Felgueiras), Lígia Ribeiro (C. M. Lousada), Raquel Coelho (C. M. Paredes), Antonino de Sousa (C. M. Penafiel) | Vogais Carla Carneiro (C. M. Paços de Ferreira), Aurélio Carvalho (Terras de Felgueiras - Caves Felgueiras, C.R.L.), António Couto dos Reis (Adega Cooperativa de Lousada), Carlos Dithmer (Associação Empresarial de Paços de Ferreira), Filomena Trigo Reto (Associação Comercial e Industrial de Paredes), Adolfo Amílcar (Associação para a Promoção e Exposição do Vale do Sousa) | **Direcção de Projectos:** Presidente Arménio da Assunção Pereira (C. M. Paços de Ferreira) | Vice-presidente Vitor Costa (C. M. Felgueiras), Lígia Ribeiro (C. M. Lousada), Raquel Coelho (C. M. Paredes), Antonino de Sousa (C. M. Penafiel) | Vogais Aurélio Carvalho (Terras de Felgueiras - Caves Felgueiras, C.R.L.), António Couto dos Reis (Adega Cooperativa de Lousada), Carlos Dithmer (Associação Empresarial de Paços de Ferreira), Filomena Trigo Reto (Associação Comercial e Industrial de Paredes), Adolfo Amílcar (Associação para a Promoção e Exposição do Vale do Sousa) | **Conselho Fiscal:** Presidente Jorge Magalhães (C. M. Lousada) | Vice-presidente Alberto Santos (C. M. Penafiel) | Vogal Adriano Sampaio (Associação de Agricultores de Felgueiras)

### Equipa Técnica do GAL

Coordenador José António Barbieri Cardoso | Técnicos Carla Dias, Cláudia Costa, Fernando Silva, Helena Correia, Joaquim Machado, José Sousa Guedes e Paulo Goulart Bettencourt

### Associados

C. M. de Paços de Ferreira; PAÇOS 2000; Associação Empresarial de Paços de Ferreira; A Lavoura de Paços de Ferreira; C. M. de Felgueiras; Terras de Felgueiras - Caves de Felgueiras; Associação de Agricultores de Felgueiras; Ensino Profissional de Felgueiras; C. M. de Lousada; Adega Cooperativa de Lousada; Associação Industrial de Lousada; Associação das Empresas Comerciais de Lousada; C. M. de Paredes; Adega Cooperativa de Paredes; Associação Comercial e Industrial de Paredes; Cooperativa Agrícola de Paredes; C. M. de Penafiel; Associação para a Promoção e Exposição do Vale de Sousa; Associação Empresarial de Penafiel; Cooperativa Agrícola de Penafiel



**José António Barbieri Cardoso**  
 Coordenador da Equipa Técnica do GAL

Barbieri Cardoso já fazia parte do quadro da Câmara Municipal de Felgueiras quando esta arranca com a candidatura ao LEADER I. Engenheiro Civil, participa directa e activamente em todo o processo de constituição da Ader-Sousa e embora continue a desempenhar funções na Câmara, assume o leme da associação. E apesar de não ser um coordenador permanente, Barbieri Cardoso considera que "essa desvantagem à partida" é compensada pela existência de uma equipa de trabalho interna perfeitamente estruturada e na qual confia totalmente para desenvolver não só o LEADER+ como todos os outros programas nos quais a Ader-Sousa está a apostar. "No dia em que deixar de ser agente autárquico também deixo de ser agente de desenvolvimento rural".



**Carla Dias**  
 Técnica do GAL

Na Ader-Sousa desde 1994, Carla sente-se perfeitamente à vontade na associação... e para dizer que na altura "não sabia o que era a Ader-Sousa nem qual era o seu papel". Acabava de regressar à sua terra (Paços de Ferreira) com uma licenciatura em Ciências Históricas (Porto), e procurava o primeiro emprego. Um anúncio no jornal leva-a a Ader-Sousa e fica. "Apanhei o LEADER I já quase no final e por isso no início foi um bocado complicado, mas fui aprendendo". Depois da experiência do LEADER II, Carla recebe o LEADER+ com muita naturalidade (dedicando-lhe quase todo o seu tempo) mas também "agarra" o EQUAL.



**Cláudia Costa**  
 Técnica do GAL

Natural de Felgueiras e com um curso de Técnica Superior Agrária, Cláudia entra na Ader-Sousa em 1998 para dar a cara a um projecto (LEADER II) na área da certificação. Durante quase dois anos, faz o levantamento e tratamento de toda a informação relativa aos produtos e produtores da zona de intervenção da associação. Concluído o estudo (que a Ader-Sousa vai retomar neste LEADER+), e com um profundo conhecimento da região e experiência q. b., Cláudia continua a apostar na Ader-Sousa, que afirma ser a sua "casa".



**Fernando Silva**  
 Administrativo

Desde que entrou na Ader-Sousa, em Fevereiro de 1993, Fernando é a voz e o primeiro rosto para quem contacta a associação. Natural de Paços de Ferreira, com o 12º ano, um curso de informática e muita vontade de começar a trabalhar, Fernando agarra a oportunidade com força embora, hoje, reconheça nunca ter ficado tanto tempo. Depois do LEADER I e II, o LEADER+ já não traz novidades... "Já tive mais curiosidade, mais paixão pelo LEADER", diz Fernando admitindo sentir uma crescente necessidade de mudar e experimentar outras coisas...



**Helena Correia**  
 Técnica do GAL

Quando acaba o curso (Turismo) e envia o *Curriculum* para a Ader-Sousa, Helena não tem uma ideia muito definida quanto às funções que ali poderia vir a desempenhar, mas não pensa duas vezes quando surge o convite. Apanha o LEADER II já quase no final e, talvez por isso, entra para a área da formação, acompanhando dois projectos relacionados com o Euro. Com a chegada do LEADER+, o cenário muda e as expectativas aumentam... O programa ainda mal arrancou no terreno mas Helena atreve-se já a considerar a Ader-Sousa "uma grande escola".



**Joaquim Machado**  
 Técnico do GAL (assessoria financeira)

Economista de formação, Joaquim Machado participou nos encontros de arranque do LEADER I na região por intermédio da Cooperativa Agrícola de Felgueiras e como foi necessário alguém que assegurasse a parte económico-financeira, Joaquim Machado foi convidado a entrar na Ader-Sousa, assumindo a função contabilística e financeira da associação. Interessante e complementar as funções que vem exercendo é como descreve a experiência LEADER.



**José Sousa Guedes**  
 Técnico do GAL

Quando José Sousa Guedes chega à Ader-Sousa no Verão de 94, já tinha ano e meio de LEADER. Com formação superior em Engenharia Agrícola (UTAD), José Sousa Guedes "cai" na associação Douro Histórico ainda antes de terminar o estágio final, e é aí que desperta para o desenvolvimento local: gosta do que faz, gosta da equipa e da região mas, natural do Porto e com ligações familiares a Lousada, não hesita quando toma conhecimento de uma oportunidade na associação de Felgueiras. A transição faz-se naturalmente e a Ader-Sousa revela-se uma boa aposta. Passados quase 10 anos, José Sousa Guedes continua a dedicar a maior parte do tempo ao LEADER mas os seus olhos viram-se, cada vez mais, para outros programas e projectos que permitem fazer novas apostas...



**Paulo Goulart Bettencourt**  
 Técnico do GAL (assessoria financeira)

Natural do Porto, Paulo Goulart Bettencourt está na Ader-Sousa desde 1991. Participa na candidatura ao LEADER I e acaba por ficar afecto à associação com funções de acompanhamento técnico dos projectos na sua área de formação: Arquitectura. Considera "muito aliciente e interessante" o trabalho que ali desempenha e espera poder continuar a colaborar com a associação, contribuindo assim para o desenvolvimento rural da região.

## Programa LIFE

# Um Instrumento Financeiro para o Ambiente

Em Junho de 1992, decorre a Cimeira da Terra no Rio de Janeiro. Em Maio de 1992, a Comissão Europeia lança o Programa LIFE (*L'Instrument Financier pour l'Environnement*). Entre os dois acontecimentos, leia-se a mesma filosofia condutora que dá pelo nome de Desenvolvimento Sustentável.

Há cerca de dez anos, o mundo acordou para uma responsabilidade comum, enunciada no relatório da Comissão Brundtland (Comissão das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento), *O Nosso Futuro Comum (1987)*, "o desenvolvimento sustentável responde às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras virem a satisfazer as suas". Ao mesmo tempo, no âmbito europeu, o ambiente deixaria o estatuto de acção para o de política comunitária 'tout court'. Com o Tratado de Amsterdão, dá-se mais um passo para a frente, o desenvolvimento sustentável é agora objectivo comunitário.

De acordo com o 5º Programa de Acção Comunitária em matéria de Ambiente (1992-1999), intitulado 'Para um desenvolvimento sustentável', o Programa LIFE é o instrumento financeiro ao serviço do desenvolvimento sustentável dentro e fora do espaço europeu, cujo objectivo geral "é contribuir para a aplicação, a actualização e o desenvolvimento da política comunitária do ambiente e da legislação ambiental, em especial em matéria de integração do ambiente noutras políticas comunitárias, bem como o desenvolvimento sustentável". Dez anos volvidos, o Programa vai na terceira edição e regista um saldo de 2.257 projectos apoiados e 1.490 milhões de euros aplicados. Os princípios de precaução, prevenção, poluidor pagador, integração e o processamento de dados técnicos e científicos guiam a política ambiental europeia. Embora o sector económico pese sempre mais na balança europeia, em detrimento, muitas vezes, de valores ambientais e de sustentabilidade, a Comunidade vai, progressivamente, ao encontro da causa da Terra. Entretanto, os programas sucedem-se e a consciencialização torna-se cada vez mais premente e incontornável. É preciso agir já, com os meios possíveis.

O 6º Programa comunitário de acção em matéria de ambiente, 'Ambiente 2010: o nosso futuro, a nossa escolha', em vigor de 1 de Janeiro de 2001 a 31 de Dezembro de 2010, tem como corolário financeiro o LIFE III, instituído pela Regulamentação (CEE) nº1655/2000 do Parlamento Europeu e do Conselho, no dia 17 de Julho de 2000. O LIFE co-financia acções ambientais que se declinam em três áreas temáticas: LIFE-Natureza (47% do orçamento), LIFE-Ambiente (47% do orçamento) e LIFE-Países Terceiros (6% do orçamento). Refira-se ainda que 5% do orçamento LIFE está reservado às medidas de acompanhamento: *starter*, *co-op* e *assist*. A terceira fase do LIFE, com uma duração de cinco anos, termina em 31 de Dezembro de 2004 e conta com um orçamento de 640 Milhões de Euros. Para o ano de 2003, as candidaturas já estão fechadas. Por isso, recomendam-se, negociações, parcerias e espírito de iniciativa e inovação para planear com tempo, pés e cabeça, um projecto sustentável para o Outono de 2003.

Maria do Rosário Aranha  
maranha@inde.pt

#### Serviço responsável da Comissão Europeia:

Comissão Europeia  
DG ENV.D.1, BU-9 02/1 – B-1049 Brussels  
Fax: +32 2 296 95 56

#### Autoridades nacionais competentes:

Instituto de Conservação da Natureza  
Direcção de Serviços de Conservação de Natureza (LIFE)  
Rua Filipe Folque, 46 - 3º - 1050-114 Lisboa  
Fax: 21 357 47 71

Instituto do Ambiente  
Rua da Murgueira, Bairro do Zambujal – 2721-865 Amadora  
Fax: 21 471 90 74

#### Fontes de informação:

<http://www.europa.eu.int/comm/life/home.htm>  
[http://europa.eu.int/eur-lex/pt/archive/2000/l\\_19220000728pt.html](http://europa.eu.int/eur-lex/pt/archive/2000/l_19220000728pt.html)

PROGRAMA LIFE		
LIFE - Natureza	LIFE - Ambiente	LIFE - Países Terceiros
<b>OBJECTIVOS</b>		
Implementar as regulamentações comunitárias de protecção da Natureza, nomeadamente as Directivas Aves e Habitats, e desenvolver a Rede europeia de espaços protegidos Natura 2000, tendo por objectivo a gestão e a conservação <i>in situ</i> das espécies da fauna, flora e habitats naturais mais notáveis da União Europeia.	Contribuir para o desenvolvimento de técnicas e métodos inovadores e integrados e para um maior desenvolvimento da política comunitária em matéria de ambiente.	Criar capacidades técnicas e de estruturas administrativas no sector do ambiente, assim como o desenvolvimento de políticas e programas de acção ambiental nos países terceiros ribeirinhos do Mediterrâneo e do mar Báltico, para além dos países de Europa Central e de Leste candidatos à adesão, que concluíram Acordos de Associação.
<b>ELEGIBILIDADE</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Projectos de conservação da natureza;</li> <li>Medidas de acompanhamento (troca de experiências <i>co-op</i>, preparação de projectos <i>starter</i>, acompanhamento e avaliação de projecto <i>assist</i>).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Projectos de demonstração, que integrem a dimensão de desenvolvimento sustentável;</li> <li>Projectos de preparação de novas acções, instrumentos e legislação;</li> <li>Medidas de acompanhamento (troca de experiências <i>co-op</i>, preparação de projectos <i>starter</i>, acompanhamento e avaliação de projecto <i>assist</i>).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Projectos de assistência técnica;</li> <li>Medidas de acompanhamento (troca de experiências <i>co-op</i>, preparação de projectos <i>starter</i>, acompanhamento e avaliação de projecto <i>assist</i>).</li> </ul>
<b>FINANCIAMENTO (Co-financiamento dos custos elegíveis)</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>≤ 50% para projectos de protecção da natureza;</li> <li>≤ 100% para medidas de acompanhamento;</li> <li>≤ 75% para projectos de protecção dos habitats / espécies prioritárias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>≤ 30% para projectos que gerem receitas significativas;</li> <li>≤ 50% nos outros casos;</li> <li>≤ 100% no caso de medidas de acompanhamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>≤ 70% para projectos de assistência técnica;</li> <li>≤ 100% para medidas de acompanhamento.</li> </ul>
<b>CANDIDATOS</b>		
Qualquer pessoa singular ou colectiva estabelecida na União Europeia ou num dos países candidatos à adesão, em conformidade com as condições estabelecidas nos acordos de associação concluídos com estes países e com base nas condições previstas na decisão do Conselho de Associação competente em relação a cada um desses países.	Qualquer pessoa singular ou colectiva estabelecida na União Europeia ou num dos países candidatos à adesão, em conformidade com as condições estabelecidas nos acordos de associação concluídos com estes países e com base nas condições previstas na decisão do Conselho de Associação competente em relação a cada um desses países.	Qualquer pessoa singular ou colectiva estabelecida num país terceiro do Mediterrâneo ou do Báltico, para além dos países da Europa Central e Oriental que tenham celebrado um acordo de associação com a Comunidade e as organizações internacionais activas na protecção do ambiente na zona geográfica em questão.
<b>CALENDÁRIO</b>		
A Comissão fixa anualmente as datas para apresentação de propostas. O Parlamento Europeu e o Conselho devem decidir, até 1 de Julho de 2004, sobre a execução da quarta fase do LIFE, a partir de 1 de Janeiro de 2005.		
<b>CUSTOS ELEGÍVEIS</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Despesas de pessoal;</li> <li>Despesas de viagem;</li> <li>Custos de assistência externa (sub-contratação ≤ 35% dos custos totais)</li> <li>Amortização de despesas relativas a bens duradouros;</li> <li>Custos relativos à aquisição e locação de terrenos/direitos;</li> <li>Despesas relativas ao material de consumo;</li> <li>Etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Despesas de pessoal;</li> <li>Despesas de viagem;</li> <li>Custos de assistência externa (sub-contratação ≤ 35% dos custos totais)</li> <li>Amortização de despesas relativas a bens duradouros;</li> <li>Etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Despesas de pessoal;</li> <li>Despesas de viagem;</li> <li>Custos de assistência externa (sub-contratação ≤ 35% dos custos totais)</li> <li>Amortização de despesas relativas a bens duradouros;</li> <li>Etc.</li> </ul>
<b>ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO E O PROGRAMA LIFE (alguns exemplos)</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Projecto <i>Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana</i> <a href="http://www.alentejodigital.pt/natureza/ baixo/zvaleguadiana.html">http://www.alentejodigital.pt/natureza/ baixo/zvaleguadiana.html</a> Associação de Defesa do Património de Mértola Largo Vasco da Gama 7750 Mértola Tel.: 28.6610000 / Fax: 28.6610001 E-mail: info@adpm.rcts.pt</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Projecto <i>MONTADO</i> <a href="http://www.terrasdentro.pt/Life/index.htm">http://www.terrasdentro.pt/Life/index.htm</a> Terras Dentro - Associação para o Desenvolvimento Integrado de Micro-Regiões Rurais Rua Rossio do Pinheiro 7090 Alcaçovas Tel.: 266 948070 / Fax: 266 948071 E-mail: atd@terrasdentro.pt URL: www.terrasdentro.pt</li> <li>Projecto <i>O circuito da água: das nascentes até ao Zêzere</i> <a href="http://www.dueceira.pt/www/trse/ribeirasserra.htm">http://www.dueceira.pt/www/trse/ribeirasserra.htm</a> Pinhais do Zêzere - Associação para o Desenvolvimento Avenida São Domingos, 51-1º 3280-013 Castanheira de Pera Tel.: 236.432372 / Fax: 236.438117</li> </ul>	

## Fórum Social Mundial

## Cooperação com o Brasil

Cinco associações de desenvolvimento local do centro do país deslocaram-se a Porto Alegre, no Brasil, para participarem no Fórum das Autoridades Locais e no Fórum Social Mundial. Na agenda desta deslocação ficaram ainda frutuozos contactos com vista à cooperação com instituições brasileiras no campo do desenvolvimento local.

As associações da Beira Litoral definiram, no âmbito da sua candidatura ao Vector 2 do Programa LEADER + , lançar um projecto de cooperação transnacional no qual se pretende, entre outros temas, abordar as questões relativas à metodologia LEADER da Europa bem como as experiências "orçamento participativo" e "micro-crédito" praticado em alguns países sul-americanos, como é o caso do Brasil. Por outro lado, o estreitamento de laços de cooperação entre as comunidades de língua portuguesa em países estrangeiros, em moldes que permitam a transferibilidade de conhecimentos e práticas de intervenção local nos diversos territórios, em áreas como a formação, a sensibilização, demonstração, organização de meios pedagógicos e formas de implementação.

É neste enquadramento e com estes objectivos gerais que a ADD, a ADIBER, a ADICES, a DUECEIRA e a PINHAL MAIOR organizaram no passado mês de Janeiro uma deslocação ao Brasil, constituindo uma delegação composta por directores e técnicos das respectivas associações. Inscritos no Fórum Social Mundial, participaram ainda nas sessões do Fórum das Autoridades Locais que o antecedeu e estabeleceram numerosos contactos com estruturas e ONG brasileiras, sendo de destacar pela sua importância e perspectivas de futuro os contactos com a Federação das Universidades Federais brasileiras, com a REDEDLIS, Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável, e com a ONG baiana PANGEA.

## Fórum das Autoridades Locais

Antecedendo o Fórum Social Mundial, outros Fóruns temáticos têm lugar em Porto Alegre, entre os quais o Fórum das Autoridades Locais, que este ano teve a sua terceira edição a 21 e 22 de Janeiro.

No decurso do primeiro destes Fóruns, em 2001, os administradores locais reunidos em Porto Alegre elaboraram um documento que ficou chamado de Carta de Porto Alegre e no qual se afirma que "as cidades são importantes instrumentos para estancar os processos de exclusão

social, para desenvolver políticas de inclusão e dar respostas aos problemas que entravam a cidadania. Constituem um marco decisivo para promover e consolidar processos de democracia participativa e de controlo público sobre os Estados, geradores de consciência cidadã solidária."

No segundo Fórum, a questão da globalização e o papel das cidades perante a globalização esteve presente, tendo-se criado a partir dele uma Rede de Cidades pela Inclusão Social, com vista ao objectivo de vir a constituir uma organização mundial de cidades que venha a fundir a Federação mundial de Cidades Unidas e a União Internacional de Autoridades Locais.

Na edição deste ano, mais de 800 participantes estiveram presentes, representando 23 países de todos os continentes que assistiram a duas conferências – uma sobre "Globalização e a exclusão nas cidades: o aumento da imigração e da pobreza" em que participou Mário Soares e outra sobre "Democracia participativa: a participação dos cidadãos na gestão pública", com a presença, entre outros, de Boaventura Sousa Santos. Para além das conferências, seis oficinas permitiram discutir assuntos tão diversos como "A crise do neoliberalismo e as cidades: os serviços públicos e as privatizações"; "Cooperação descentralizada: os programas existentes e os observatórios internacionais de cidades"; "O desafio da inclusão social nas cidades periféricas"; "Tecnologia e inclusão digital nos governos locais"; "Direitos Humanos e a construção de uma cultura de paz: a carta dos direitos humanos na cidade"; Cultura global e local".

Para além da reflexão produzida, e porque "as cidades e seus governos democráticos, para serem actores políticos e influentes contribuindo para corrigir o rumo da actual globalização, devem organizar-se com base nos mesmos parâmetros", esteve sempre presente a necessidade de organização e cooperação das cidades pela inclusão social. Intervir conjuntamente perante os organismos internacionais, políticos e económicos; agir coordenadamente a nível nacional e supranacional; trocar experiências e informações; incentivar e priorizar acordos bilaterais; fomentar a partir dos governos locais acordos de cooperação bilateral entre organizações da



Francisco Botelho



Francisco Botelho

sociedade civil – estes foram objectivos transversais dos trabalhos deste terceiro Fórum das Autoridades Locais. Objectivos que ainda este ano deverão conduzir a um processo de criação das “Cidades Unidas”, a organização de cúpula dos poderes locais a nível mundial.

#### Fórum Social Mundial

Realizado desde 2001 na cidade de Porto Alegre e coincidindo com a realização do Fórum Económico Mundial de Davos, o Fórum Social Mundial adoptou a divisa “Um outro mundo é possível”, passando do combate frontal à globalização para a defesa da construção de uma outra globalização, centrada na pessoa humana.

A dinâmica da realização deste ano de 2003 adaptou-se a um crescente interesse de participação em todo o mundo. Para lá do lançamento dos Fóruns Regionais na América, na Europa e na Ásia, preparando e reproduzindo a reflexão geral, Porto Alegre preparou-se este ano para receber, entre 23 e 28 de Janeiro, cerca de 100 000 visitantes. O que obrigou a organização, pela primeira vez, a diluir o evento por vários espaços, com destaque para o grande pavilhão desportivo “Gigantinho” e pelas instalações da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Envolvendo cinco eixos de reflexão - “Desenvolvimento democrático e sustentável”; “Princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade”; “Media, cultura e alternativas à mercantilização e homogeneização”; “Poder político, sociedade civil e democracia”; “Ordem mundial democrática, luta contra a militarização e promoção” - mais de uma dezena de conferências, 31 painéis, quatro mesas de diálogo e controvérsias, centenas de oficinas e reuniões promovidas pelas mais diversas entidades, ocuparam intensamente todos os participantes, envolvidos igualmente num intenso programa de actividades culturais e de participação cívica.

Este ano de 2003, a mobilização dominante era contra a previsível guerra no Iraque a nível global, contra a organização de comércio livre americano ALCA, a nível regional e, dada a proximidade, sobre a crise venezuelana.

Mas para além dos permanentes fóruns de reflexão e das manifestações de rua, Porto Alegre viveu este ano a euforia brasileira com o novo governo do Partido dos Trabalhadores de Lula da Silva, fortemente implantado no Estado do Rio Grande do Sul e com ligações muito fortes ao movimento gerado pelo Fórum Social Mundial. Ligação tão forte que levou a organização do Fórum a, pela primeira vez, convidar um chefe de estado a participar no evento e a dirigir-se aos participantes.

A esta decisão polémica respondeu Lula da Silva com um discurso intimista, agradecendo ao Fórum Social Mundial o papel que desempenhou na sua subida ao poder. E prometendo a todos os presentes levar a Davos, ao Fórum Económico Mundial “dos que ganham milhões”, a palavra “daqueles que apenas comem feijões”. Cerca de 15 000 pessoas ouviram religiosamente as palavras daquele que personaliza, no momento, a grande esperança do Brasil. Com emoção e com esperança.

Apesar do empenho do novo Governo do Estado do Rio Grande do Sul que forçou a manutenção do evento em Porto Alegre, o Conselho internacional do FSM decidiu que a sua realização em 2004 será feita na Índia, regressando apenas em 2005 ao Brasil. E, na próxima edição, ainda com datas em aberto, não estará mais condicionado à realização do Fórum Económico Mundial. O dinamismo da iniciativa, o envolvimento

dos Fóruns Regionais, o crescente número de aderentes por todos os continentes transforma o FSM num momento incontornável da reflexão sobre a globalização e sobre a nova ordem social.

#### Contactos e linhas de trabalho

Preparando a deslocação a Porto Alegre e o estabelecimento de contactos com vista ao projecto Cooperar em Português, foi produzido um trabalho jornalístico na Revista on-line do Terceiro Sector, sediada no site da RITS – [www.rits.org.br](http://www.rits.org.br) – e no qual se dava conta do interesse de cooperação. Este trabalho deu origem a algumas dezenas de respostas de instituições brasileiras que manifestaram os mais diversos interesses de colaboração e que permitiram orientar os contactos na deslocação a Porto Alegre.

Assim, a delegação portuguesa teve oportunidade de reunir, na Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a Reitora daquela Universidade, acompanhada do Vice-Reitor e de um Pró-Reitor, bem como com o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, igualmente Presidente da Associação das Universidades Federais Brasileiras. A esta reunião assistiu igualmente uma representante do SEBRAE, importante organismo de promoção e dinamização da agricultura e desenvolvimento rural brasileiro.

O interesse manifestado pelas Universidades brasileiras, algumas com laços científicos com Universidades portuguesas, em estabelecer laços de cooperação com organismos ligados ao desenvolvimento local em Portugal e na Europa é evidente, bem como a preocupação em conhecer detalhadamente a metodologia e a prática do Programa LEADER. Por isso, foi possível apontar uma linha pragmática de trabalho que passa pela elaboração de uma matriz conjunta de temas de cooperação, e pelo estabelecimento de contactos em Portugal e no Brasil que permitam dar continuidade a este intercâmbio. Para isso foram apontados como momentos ideais a realização do Seminário de Cooperação previsto para Portugal em finais de Abril ou início de Maio e a ExpoDlis (Exposição Feira do Desenvolvimento Local Sustentável), a realizar em Novembro no Brasil e que deverá reunir mais de 2 500 participantes de todo o país.

Um outro momento importante de exploração de contactos foi a reunião com o responsável pela RedeDlis – Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável – Caio Silveira. Esta estrutura, que se vai consolidando há cerca de cinco anos, será certamente a principal interlocutora das associações portuguesas neste projecto de cooperação. Ficou patente a intenção de iniciar uma partilha contínua de informação a ser dinamizada através dos sites das diversas instituições, bem como a partilha de documentos de reflexão e documentos metodológicos. Um protocolo de colaboração entre a RedeDlis e a Federação Minha Terra deverá ser um passo seguinte neste projecto de cooperação. Por outro lado, as intenções de cooperação das associações portuguesas com o Brasil, passará assim a ter um interlocutor privilegiado sendo previsível que, ao longo deste ano de 2003, se venham a construir projectos concretos em áreas e temáticas de interesse para ambos os países.

Francisco Botelho  
frbotelho@inde.pt

## Cantares de Janeiras

A aldeia histórica de Linhares da Beira, concelho de Celorico da Beira, foi palco no passado dia 12 de Janeiro do *Encontro de Cantares de Janeiras da Serra da Estrela*, organizado pela ADRUSE – Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela.

Ao todo 19 grupos de cantares e ranchos folclóricos oriundos dos concelhos de intervenção da ADRUSE (Celorico da Beira, Gouveia, Manteigas e Seia), desfilaram pelas ruas de Linhares da Beira, entoando Cantares de Janeiras.

A tradição “saiu à rua” pelas vozes de grupos tão diferentes como a *Ronda Serrana de Linhares da Beira*, o *Grupo de Cantares Tradicionais de Paranhos da Beira*, o *Rancho Folclórico de Seia*, o *Orfeão da Santa Casa da Misericórdia de Gouveia*, o *Rancho Folclórico da Casa do Povo de Manteigas*, o *Grupo de Cantares do Clube de Pessoal da Câmara Municipal de Seia*, o *Rancho Folclórico de Vinho*, o *Grupo de Cantares da Escola Evaristo Nogueira*, o *Rancho Folclórico de Vila Nova de Tazém*, a *Tuna da Escola Secundária de Seia*, o *Rancho Folclórico de Paranhos da Beira*, o *Rancho Folclórico da Casa do Povo de Nespereira*, o *Grupo de Cantares “Mondeguinho”*, o *Cancioneiro de Folgoso*, o *Coral da*

*Igreja de S. Pedro*, o *Rancho Folclórico “Os Pastores de S. Romão”*, o *Grupo de Danças e Cantares da Lageosa do Mondego*, o *Rancho Folclórico de Gouveia* e o *Grupo Folclórico de Vide - Entre - Vinhas*.

Jovens e menos jovens, animaram e deram um ar de festa à aldeia de Linhares que, apesar do frio e da muita neve na Serra, nesse dia recebeu muitos visitantes para apreciarem os Cantares de Janeiras. De salientar o convívio e camaradagem vivida entre os grupos participantes.

Na continuidade da sua acção, a ADRUSE com esta iniciativa pretendeu dinamizar as comunidades rurais, assim como promover e divulgar os usos e costumes da região.



ADRUSE

## Tecelagem tradicional e bordados



Foto: Museu dos Sábios / INDE

A ATAHCA vai realizar durante os meses de Fevereiro e Março dois cursos de formação profissional na área da tecelagem e bordados. O curso de tecelagem tradicional com duração de 70 horas teve início dia 10 de Fevereiro e irá decorrer no lugar de Assento, freguesia de Cibões, concelho de Terras de Bouro. O curso de Bordados Tradicionais, com duração de 66 horas,

terá início no dia 5 de Março e irá decorrer no Centro de Produção e Venda de Artesanato de Brufe, freguesia de Brufe, concelho de Terras de Bouro.

Os cursos são financiados pelo Programa de Iniciativa Comunitária LEADER+, objectivando formar potenciais artesãos, a formação continua dos artesãos, fornecer os conhecimentos técnicos necessários para exercer a actividade, diversificar e valorizar o artesanato local através de novas formas de design inovador, com o objectivo principal de preservar e valorizar o artesanato tradicional e criar condições, a nível local, para a fixação e criação de postos de trabalho nas zonas rurais. Todos os formandos terão como condições de apoio bolsa de formação subsídio de alimentação.

ATAHCA

## O Passado e o Presente do Alto Tâmega

Depois da exposição de fotografia “O Passado e o Presente dos Concelhos do Alto Tâmega”, patente de 7 a 16 de Junho de 2002, foi editada uma publicação que reúne algumas das fotografias expostas sobre os concelhos que constituem o agrupamento de Municípios Alto Tâmega.

Apresentando fotografias tiradas há várias décadas e fotografias actuais, a publicação permite uma análise comparativa da evolução verificada na região, proporciona às populações uma visão sobre a forma como evoluíram e se transformaram os locais onde vivem, e é também uma forma de reforçar junto das populações um sentimento de pertença a uma região.

A par desta publicação foi realizada a Exposição de Imprensa e Documentação Regional que consistiu no levantamento exaustivo dos jornais locais e regionais editados no Alto Tâmega, sendo expostos alguns exemplares, bem como um pequeno historial de cada um dos títulos que foram alvo de publicação e que tanto contribuíram para a reafirmação da identidade

cultural do Alto Tâmega. Depois desta exposição que tal como a anterior terá um carácter itinerante, percorrendo os Concelhos do Alto Tâmega, está para breve uma publicação na qual serão referenciados todos os jornais que foram publicados no Alto Tâmega, bem como uma cópia do seu cabeçalho, relação dos principais colaboradores e um breve historial. Para já aqui fica a agenda das exposições a realizar até Junho no Espaço AD RAT.

ADRAT

Museu Aberto dos Descobrimentos - Março  
Arte Nossa dos Pequenos “Pequenos, grandes artistas” - 7 a 24 de Abril  
Exposição de Projectos - 5 a 16 de Maio (data não definitiva)  
“A Criança e o Livro” - Semana cultural - Centro Social Paroquial - 19 a 23 de Maio  
Artes Plásticas - “Centenário da Escola Sec. Fernão de Magalhães” - Junho

# BTL 2003

A edição deste ano da Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), que decorreu na FIL, de 22 a 26 de Janeiro, contou, à semelhança de edições anteriores, com a participação de algumas associações de desenvolvimento local gestoras do LEADER+. Este ano marcaram presença a ADIRN, a TAGUS, a RAIÁ HISTÓRICA, todas as ADL do Alentejo (em parceria com a Associação das Regiões de Turismo do Alentejo) e, ainda que indirectamente, a ADRIL através da apresentação dos projectos Aldeias de Portugal e Solares de Portugal.

## O Alentejo na BTL

A actividade turística no Alentejo tem verificado um crescimento ano após ano, principalmente na área do turismo de qualidade, onde se destaca o Turismo em Espaço Rural. Estas iniciativas empresariais têm tido desde sempre o apoio ao investimento do Programa LEADER, revelando-se um interessante instrumento de desenvolvimento das localidades mais interiores das nossas zonas de intervenção. Tendo em atenção esta realidade, as 10 ADL gestoras do PIC LEADER+ no Alentejo (Terras Dentro, Esdime, Rota do Guadiana, Monte, Leader-Sór, Aderal, Alentejo XXI, Terras do Baixo Guadiana, Vicentina e Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano) entenderam participar em parceria com a Associação das Regiões de Turismo do Alentejo (ARTA) na Bolsa de Turismo de Lisboa, que decorreu na FIL, Parque das Nações, de 22 a 26 de Janeiro.

Após convite formalizado pela ARTA para que as ADL participassem nesta acção de promoção do Alentejo, e numa perspectiva de unir esforços na promoção global desta região não descurando, no entanto, as especificidades locais de cada ZI, todas as ADL acederam de imediato participar nesta iniciativa de cariz internacional, tendo em consideração a importância, já referida, do turismo como factor de desenvolvimento das zonas rurais.

A participação consubstanciou-se na divulgação das Zonas de Intervenção respectivas, através da organização de provas de produtos agro-alimentares locais, da divulgação de empresas e empresários e na promoção de espectáculos de grupos corais, violas campaniças, acordeonistas entre outros agentes culturais.

Estas acções de promoção que realizámos no stand "Alentejo" da ARTA, foram participadas por alguns dos milhares visitantes que estiveram na BTL, comentando uma grande satisfação por ainda poderem provar genuínos tesouros gastronómicos, como sejam os enchidos, queijos e mel regionais. Tiveram ainda a oportunidade de provar os Vinhos do Alentejo, cuja qualidade era de imediato reconhecida.

Este projecto LEADER+, no âmbito do Vector 2, pretendeu aprofundar, articular e desenvolver acções de promoção turística do Alentejo em colaboração com a ARTA, atentando às especificidades das Zonas de Intervenção das ADL envolvidas e das suas populações, tornando assim possível a presença dos locais do Alentejo em certames de reconhecida projecção.

**TERRAS DENTRO**

## Aldeias históricas



As 10 Aldeias Históricas de Portugal marcaram presença na edição da Bolsa de Turismo de Lisboa de 2003, entre 22 e 26 de Janeiro, na FIL.

Numa iniciativa enquadrada na Acção de Base Territorial: "Acções Inovadoras de Dinamização das Aldeias" do Programa Operacional Regional do Centro,

juntaram-se as câmaras municipais de Almeida, Arganil, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Fundão, Idanha-a-Nova, Mêda e Sabugal, em estreita colaboração com a Comissão de Coordenação da Região Centro e a Associação de Desenvolvimento Raia Histórica, afim

de concretizar uma participação conjunta das 10 Aldeias Históricas neste grande evento de promoção do Turismo Nacional.

Constituindo uma verdadeira oportunidade para promover uma região de inegável potencial turístico, o objectivo consistiu em divulgar o projecto das Aldeias Históricas e projectá-lo como um referencial turístico nas Beiras.

Além de um stand idealizado em harmonia com a essência das 10 Aldeias Históricas, as pessoas contactaram com o universo Aldeias Históricas através da gastronomia e artesanato da região. Na tentativa de reforçar a presença das Aldeias Históricas nos circuitos turísticos internos, mas também internacionalmente, a aposta na BTL traduziu-se num convite aberto a todos os amantes da Natureza, da História e da Cultura Portuguesa para visitar e percorrer as 10 Aldeias Históricas de Portugal.

**RAIA HISTÓRICA**

## ADIRN/Templar



À semelhança dos anos anteriores, a ADIRN/TEMPLAR participaram mais uma vez na Bolsa de Turismo de Lisboa. Embora a edição deste ano tenha sido um pouco atribulada devido à alteração da localização das entidades institucionais do pavilhão 1 para o pavilhão 4 (que em nada favoreceu a visita aos stands deste último pavilhão) o certame realizou-se com a participação de todos.

A ADIRN esteve presente na BTL com a promoção dos circuitos turísticos do Ribatejo Norte, promovendo não só os locais emblemáticos da nossa região, bem como a sua oferta de alojamento e gastronomia. Também ao nível da cooperação, foi representada a promoção das actividades subaquáticas que em conjunto com a Madeira pretendemos oferecer aos visitantes das duas regiões.

A TEMPLAR direccionou-se mais uma vez para grupos particulares e empresas do sector do desporto aventura e turismo activo, apresentando-se os programas de 2003, entre os quais se destaca o programa de Aventuras no Ribatejo Norte e as Actividades *outdoor* para empresas.

**ADIRN/TEMPLAR**

**Engenho e Obra:  
Engenharia em Portugal no século XX**  
8 de Janeiro a 2 de Março

Dedicada à "arte do engenheiro", esta exposição pretende mostrar as maiores realizações no campo da engenharia em Portugal, e que tiveram impacto na sociedade portuguesa no século XX. Na Cordoaria Nacional, em Lisboa, até 2 de Março.

Informações:  
Telefone: 218 419 408 / 218 417 251  
Fax: 218 419 344  
E-mail: mdiniz@gape.ist.utl.pt  
<http://www.engenharia.com.pt>

**SIA - Salão Internacional de Agricultura 2003**  
22 de Fevereiro a 2 de Março

Evento organizado pelo Ministério da Agricultura francês em parceria com outras instituições, decorre de 22 de Fevereiro até dia 2 de Março, em Paris, esta feira que comemora este ano a sua 40ª edição.

Mais informação em  
<http://www.salon-agriculture.com>

**Encontro Desenvolvimento Local  
Sustentável, Rural e Comunitário**  
27 e 28 de Fevereiro

Numa organização da Área de Desarrollo Local da Diputación de Badajoz e da Minha Terra - Federação Portuguesa das Associações de Desenvolvimento Local, este encontro, que decorrerá em Badajoz, tem como objectivo promover o encontro de agentes técnicos e responsáveis do desenvolvimento local dando início a um processo de reflexão sobre as alternativas de desenvolvimento baseadas no local e protagonizadas pelos cidadãos.

Informações, Programa e Inscrições:  
Minha Terra  
Tel.: 21 844 66 21  
E-mail: minhaterra@minhaterra.pt  
<http://www.minhaterra.pt>

**2ª Mostra Internacional de  
Flores e Plantas de Montijo**  
7 a 9 de Março

Num concelho onde a floricultura tem contribuído para o forte desenvolvimento económico local, a Câmara Municipal de Montijo, em parceria com um grupo de produtores de flores e plantas do concelho, pretende com esta iniciativa reforçar e afirmar cada vez mais este sector. Uma iniciativa com o apoio da Região de Turismo da Costa Azul.

Contactos  
C. M. Montijo  
Divisão de Economia e Turismo  
Tel.: 21 2327786

**4º Congresso Nacional do Transporte Ferroviário**  
11 a 13 de Março

Realizar-se-á na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e procurará promover a reflexão e debate no sentido de desenvolver e aprofundar as melhores soluções com vista a uma inadiável melhoria e qualificação da relação mobilidade/acessibilidade nos sistemas de transporte metropolitano e regional no nosso país.

Para mais informações, contactar  
Associação Portuguesa para o Desenvolvimento do Transporte Ferroviário - ADFER  
Tel.: 21 3261029 / Fax: 21 3613010  
E-mail: fer.xxi@clix.pt  
<http://adfer.cp.pt>

**IV Jornadas sobre Conservação da Natureza**  
14 e 15 de Março

O FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens, tem vindo a organizar, desde 2000 jornadas de conservação da Natureza onde são abordadas temáticas relativas ao ambiente, à conservação e à educação. As próximas, as IV Jornadas terão lugar em Lousada, no auditório da Câmara Municipal, nos próximos dias 14 e 15 de Março.

Mais informação em  
<http://www.fapas.pt>

**1ª Feira e Seminário sobre Floresta,  
Desenvolvimento Rural e Ambiente**  
20 a 23 de Março

Com a participação da Federação dos Produtores Florestais de Portugal/Conselho Nacional da Floresta, realizar-se-á entre os dias 20 e 23 de Março, no CNEMA - Centro Nacional de Exposições, Santarém, a 1ª Feira e Seminário sobre Floresta, Desenvolvimento Rural e Ambiente.

Mais informações em  
<http://www.expolider.iol.pt>  
E-mail: jmartins@expolider.iol.pt

**II Seminário "Agricultura Sustentável e Ambiente"**  
21 de Março

Agricultura biológica, protecção integrada, gestão da água, conservação do solo, valorização de resíduos agrícolas e gestão florestal são alguns dos temas propostos para este seminário organizado pelo Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ambiente da Universidade Independente, a decorrer no auditório da Biblioteca Municipal da Moita, no próximo dia 21 de Março.

Contacto para mais informações:  
E-mail: cid-amb@uni.pt

**20ª OVIBEJA**  
22 a 30 de Março

Ponto obrigatório de referência na tradição e cultura do povo alentejano, a Ovibeja realiza a sua 20ª edição de 22 a 30 de Março no Parque de Feiras e Exposições de Beja. Assumindo-se como a maior montra de produtos de qualidade, quer nacionais quer estrangeiros, ligados à agricultura, à transformação, ao artesanato e às novas tecnologias, a Ovibeja é palco privilegiado para a realização dos mais diversos encontros relacionados com o mundo rural. Os concursos e exposições de gado, festivais equestres, cantares, artesanato, gastronomia, vinhos e outros produtos de qualidade, concertos, provas desportivas, exposições empresariais e institucionais aliam-se na Ovibeja às jornadas de cooperação transfronteiriça e aos debates técnicos e científicos.

Mais informação em  
<http://www.ovibeja.com>

**Feira de projectos transnacionais LEADER+**  
27 e 28 Março

No seguimento do sucesso alcançado em Cork, Irlanda, em Novembro último, as Redes LEADER+ sueca, finlandesa e dinamarquesa estão a organizar uma feira de projectos transnacionais LEADER+ a decorrer nos dias 27 e 28 de Março em Marstrand, a cerca de 30 quilómetros a Norte de Gotemburgo, Suécia.

Mais informações, contactar  
Nils Lagerroth (nils.lagerroth@hush.se)  
ou Hans-Olof Stalgren (hans-olof.stalgren@hush.se)  
Tel.: +46 8 21 50 75  
Fax: +46 8 545 27 800

**Wine Masters Challenge 2003**  
V Concurso Mundial de Vinhos  
28 a 30 de Março

Não obstante ser recente, este concurso - a acontecer entre os dias 28 e 30 de Março, no Estoril (Cascais) - já foi consagrado pelos especialistas como um dos melhores do mundo, no que diz respeito à organização e nível dos parâmetros de exigência na selecção e votação dos vinhos em prova.

Para saber mais  
<http://winemasters.pt>

**Cursos DELNET**  
Abril de 2003 a Abril de 2004

O Programa DELNET do Centro de Formação e Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência especializada das Nações Unidas, apoia os actores locais nos processos de desenvolvimento dos territórios onde actuam, oferecendo formação, informação, assessoria técnica e ferramentas para o trabalho em rede, através da utilização das tecnologias da informação e comunicação. As inscrições para o ciclo académico Abril 2003/Abril 2004 decorrem até ao próximo dia 31 de Março.

Mais informações em  
<http://www.itcilo.it/delnet>  
E-mail: delnetportugues@itcilo.it  
Tel.: +39 011 693 66 56  
Fax: +39 011 693 64 77

**Bordado Antigo dos Açores**  
Até 30 de Setembro

Cem peças exemplificativas das distintas funcionalidades que o bordado dos Açores contém, elaboradas pacientemente por gerações de mulheres das ilhas de S. Miguel (bordado azul e branco), da Terceira (bordado a branco) e do Faial (bordado a palha de trigo), desde os finais do século XIX até 1950, apresentam-se numa exposição patente até ao próximo dia 30 de Setembro, no Museu Nacional do Traje e da Moda, em Lisboa.

Para saber mais:  
<http://www.museudotraje-ipmuseus.pt>  
E-mail: mntraje@ipmuseus.pt  
Tel.: 21 759 0318  
Fax: 21 759 1224



Foto: Museu dos Santos / INDE



**Profissões do Cadaval – memórias e vivências de antigos ofícios**  
Morais, Susana Melo; Câmara Municipal do Cadaval, 2003

*Com o apoio do LEADER+/LEADER OESTE*

Barbeiro, carpinteiro, ferreiro, latoeiro, moleiro, sapateiro ou tanoeiro - são algumas das profissões alvo da investigação realizada pela antropóloga Susana Morais, acerca das antigas profissões deste concelho, algumas já desaparecidas, outras em vias de desaparecer. O estudo é o resultado de um estágio profissional, que a investigadora realizou na Câmara Municipal do Cadaval.

Na primeira parte do livro são analisadas as profissões que existiam no século passado, através das licenças passadas pela Câmara para o exercício de Comércio, Indústria e Gado, referentes aos anos de 1921 a 1933, 1939 e 1945. Esta análise permite saber mais sobre as profissões e ofícios que existiram neste concelho durante a primeira metade do século XX. Na segunda metade da publicação são apresentados testemunhos de 29 profissionais de dez destes ofícios, em entrevistas em discurso directo, que abordam histórias de vida, memórias, ferramentas e instrumentos de trabalho.



**Trevões – História e Património**

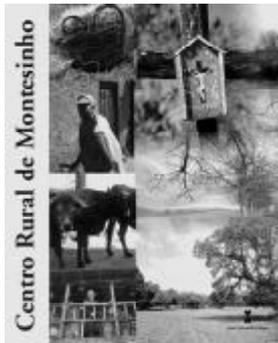
Fauvrelle, Natália e Sequeira, Carla; Beira Douro, Paróquia de Trevões, Associação Cultural de Trevões e C. M. de S. João da Pesqueira, 2001

*Com o apoio do LEADER II/BEIRA DOURO*

Mostrar um pouco da alma de Trevões. Dar a conhecer esta localidade "aos que aqui nunca viveram... aos que aqui nunca vieram", mas sobretudo "para aqueles que aqui realizam a sua vida, para que conhecendo e respeitando o passado, saibam dignificar o futuro". São estes os propósitos do livro *Trevões – História e Património*, uma obra atenta à história e património da região, e que pretende ser retrato e memória de um Portugal rural, que vai perdendo valores patrimoniais e identitários.

O livro está dividido em quatro capítulos: Trevões ao longo dos tempos; Sociedade e economia; Património etnográfico; e Habitar, rezar e trabalhar em Trevões: espaços e patrimónios, através dos quais se aprofundam múltiplos aspectos do povoado.

No primeiro capítulo, é feito um enquadramento histórico e geográfico, com recurso a documentação, análise da origem do topónimo, ou caracterização de solos e climas, não esquecendo uma listagem histórica dos bens do concelho, que funciona como transição para o capítulo seguinte, dedicado à Sociedade e Economia. Aqui se faz uma breve análise da evolução populacional, ao mesmo tempo que é feita a introdução a personagens ilustres, e às actividades económicas. Tradições populares, receitas tradicionais, remédios caseiros, festas, romarias, artesanato, associações recreativas e religiosas preenchem o terceiro capítulo, dedicado ao Património Etnográfico. Por fim, o quarto e último capítulo lança-se à descoberta de notas arqueológicas, e de três roteiros - das habitações fidalgas, dos espaços sacros, e dos espaços de produção - num convite a melhor conhecer a localidade.



**Centro Rural de Montesinho**

Rodrigues, Ana Paula e Castro, Virgínia Pimenta; João Azevedo Editor, 1999

*Como o apoio do LEADER II/CORANE*

Situado no Nordeste Transmontano, no Parque Natural de Montesinho, o Centro Rural de Montesinho é formado por um conjunto de 13 aldeias pertencentes aos concelhos de Bragança e Vinhais.

Trata-se de um projecto-piloto no âmbito do programa nacional de Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR), com o objectivo de desenvolver este território a nível económico e social, numa lógica de combate à desertificação rural. Renovação e qualificação urbana das aldeias, melhoria das infra-estruturas e acessibilidades, recuperação e salvaguarda do património construído, arquitectónico e cultural, foram os principais alvos dos investimentos.

No caso específico da publicação, incide-se numa abordagem e caracterização da Flora e Fauna da região em que se situa o Centro Rural de Montesinho, feita em três línguas distintas: português, francês e inglês.

No domínio da Flora, solos, relevo, altitude e clima, aliados à intensa actividade humana, condicionam a morfologia da paisagem, marcada pela presença do carvalho-negral, giesta, carqueja, esteva ou sargaço, ou por povoamentos florestais mais recentes como o pinheiro. As transformações da paisagem, o desaparecimento progressivo de algumas espécies, ou a fragilidade dos ecossistemas, são alvos de análise detalhada por parte deste estudo.

A partir de uma primeira abordagem à flora, o livro investe na prospecção de espécies residentes ou visitantes, como a águia-de-asa-redonda, raposa, javali, tritão-de-ventre-laranja ou melro-azul, num convite à procura e descoberta da riqueza faunística da região.

[www.adrepes.pt](http://www.adrepes.pt)



*Site da ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal, com informação muito completa e detalhada acerca da associação, das suas estratégias de intervenção e projectos, disponível em três línguas: português, inglês e francês.*

A página inicial abre oito entradas para os tópicos: ADREPES, Contactos, Links, Projecto LEADER+, Formulários, Acções Realizadas, Projectos em Curso, e Parcerias. No primeiro item é possível conhecer melhor a ADREPES através de uma Apresentação da associação que inclui pressupostos de actuação e uma listagem dos associados, complementada por uma introdução à Estratégia e Objectivos, bem como um mapa do Território.

Nos Links abrem-se ligações para algumas instituições e associados e o item Projecto LEADER+ dá-nos uma descrição pormenorizada das 14 acções LEADER+ da ADREPES, ao mesmo tempo que é possível aceder online aos formulários de Intenção de Candidatura e de Candidatura, complementados pelo Apoio aos Formulários de candidatura, e Regulamento Interno da ADREPES. No tópico Acções Realizadas encontra-se um descritivo das intenções de candidatura entradas e aprovadas, organizado por Acção, Promotor e Território, disponível para consulta, enquanto no tópico Projectos em Curso se faz uma breve introdução e descrição de projectos. A finalizar, o item Parcerias dá-nos uma apresentação do quadro de Parcerias da ADREPES com os GAL do Ribatejo e Alentejo.

[www.coresdoglobo.online.pt](http://www.coresdoglobo.online.pt)



*"Por um consumo responsável". O respeito e preocupação pelas pessoas e o meio ambiente, a existência de boas condições de trabalho e o pagamento de um preço justo aos produtores, que cubra os custos de produção, possibilite um rendimento digno e permita a*

protecção ambiental e de segurança económica, ou a protecção do ambiente e a promoção de um desenvolvimento sustentável, são alguns dos princípios fundamentais do Comércio Justo, pelos quais se guia a Cores do Globo - Associação para a Promoção do Comércio Justo.

No site desta associação é possível tomar conhecimento destes e de outros princípios, aceder a uma apresentação da Cores do Globo (estatutos, corpos sociais e contactos), e conhecer os objectivos e actividades desta associação.

Tem também a oportunidade de descobrir a "Pausa Justa", que é a primeira campanha pública desenvolvida pela *Coordenação Portuguesa de Comércio Justo*, e que visa a alteração de padrões de consumo, ao mesmo tempo que pode descobrir produtos do Comércio Justo disponíveis na loja da associação, como biscoitos de mel e chocolate com caju, barra de mel e sésamo, chocolate equita, chás, mel ou especiarias, entre outros. Neste sítio existe ainda a possibilidade de aceder a notícias e links associados às actividades da Cores do Globo e à temática do Comércio Justo.

[www.montesalentejanos.com.pt](http://www.montesalentejanos.com.pt)



*Site da rede "Montes Alentejanos - Espaços de Lazer", constituída por 14 associados, entre montes e herdades abertos ao turismo. Tratam-se de pequenos núcleos habitacionais no espaço rural, localizados na região do Vale do Sôr*

- Alto Alentejo, entre as margens do rio Tejo e as barragens de Montargil e Maranhão, numa zona com a maior mancha de sobrelhos do mundo. No tópico Quem Somos é feita uma breve apresentação da associação e dos associados, com indicações acerca do Alojamento, Localização, Actividades de Lazer, Preço e Locais de Interesse a visitar.

O item Reservas e Preços, permite avançar directamente para esta cómoda modalidade, que permite fazer reservas online, e que conta com o auxílio de um útil mapa indicativo da localização dos Montes e Herdades.

Nas Actividades de Lazer encontramos referências e contactos de empreendimentos da região destinados a actividades equestres, passeios, desportos náuticos, desportos radicais, caça e golfe, enquanto que nas informações acedemos aos contactos da Montes Alentejanos - Associação de Turismo Integrado.

O site peca por manter incompleto um interessante e útil Guia de Viagem, que abre indicações para as localidades de Gavião, Alter do Chão, Avis, Ponte de Sôr, Mora e Fronteira, mas que ainda não funciona, e por revelar uma certa lentidão no acesso a algumas opções.

José da Silva Lucas - Cestaria em jornal

# Arte de transformar papel

Mãos hábeis, paciência ilimitada e imaginação fértil formam a receita de José da Silva Lucas para transformar velhas folhas de jornal em úteis peças de cestaria. Artesanato insólito e apreciado, com reconhecimento acrescido pela importante função de reciclagem.



Notícias do dia, da semana passada ou do mês anterior, encham jornais que rapidamente se esgotam de actualidade. São páginas e páginas que se tornam inúteis. Toneladas de papel que se transformam em lixo. Lixo que as mãos hábeis de José da Silva Lucas convertem em peças de cestaria.

Artesão de improviso, José Lucas não imaginava, ainda há cinco anos, o destino a passar pelo artesanato. Nessa época, este comerciante, natural e residente em Gaia, negociava em frutas. Até que uma artrite reumatóide, que há muito lhe perturbava o sono, se tornou mais penalizadora, afectando-lhe os joelhos e incapacitando-o para o trabalho. Obrigado a ficar em casa, deu por si às voltas com o tempo disponível.

Fazendo uso de alguma habilidade, começou a experimentar trabalhos com papel, que era "aquilo que tinha à mão". Uma ideia insólita, que José Lucas não consegue explicar. "Comecei a embrulhar umas coisas, como as rifas". Experimentou técnicas e formas, e no início, dos esforços apenas resultaram "coisas muito toscas". Só com o tempo, "começaram a tomar uma forma mais razoável", revela divertido.

Inspirado pelo sucesso, iniciou um périplo regular por feiras e casas de artesanato, para observar outros artesãos a trabalhar, e aprender novas técnicas de entrançar cestos. Um processo de aprendizagem que visou uma melhoria da qualidade das peças. Ao fim de um ano de experiências "comecei a notar que as pessoas gostavam". Não tardou que surgissem amigos interessados em adquirir algumas, que depois, no passa palavra, atraíram outras pessoas das suas teias de relacionamentos. Face a este inesperado interesse, "ainda fiquei mais motivado".

Entretanto, há ano e meio as contingências da vida levaram-no até Serpins. Desgostoso com as condições que tinha em Gaia, mudou-se para a casa de uma filha para ali

deslocada para dar aulas. A mudança constituiu um tónico motivador para o trabalho. No último ano assumiu a actividade com maior seriedade, dedicando-lhe cada vez mais tempo. "Estou entretido, e chego a sair daqui à meia noite", revela José Lucas, para acrescentar de imediato "mas faço aquilo que gosto, sem sacrifício nenhum".

## "enroladores de notícias"

Transformar uma folha de jornal velho numa peça de cestaria é uma tarefa complexa e demorada. Quatro fases dividem o processo. A primeira parte do trabalho resume-se a cortar as folhas de papel de jornal em tiras rectangulares, que são enroladas à mão, em finos tubos da espessura de uma esferográfica. É aquilo que Maria Celeste (a esposa) apelida de "enroladores de notícias". Para fixarem os tubos, de modo a que não se desenrolem, a cola utilizada é farinha de trigo misturada com água.

Findo este processo, no qual José Lucas conta com o apoio de Maria Celeste, inicia-se o trabalho específico do mestre artesão, que passa por dar forma aos materiais. Fazendo uso de uma técnica muito semelhante à de qualquer cesteiro, o artesão entrança os finos tubos de papel, como se de vime se tratasse. O facto de os tubos serem enrolados à mão, deixa-os como cilindros imperfeitos, ligeiramente cónicos, o que permite que se encaixem entre eles, evitando remendos. Esta é a fase mais morosa e delicada de todo o processo. Uma peça pequena pode demorar cerca de hora e meia, enquanto uma das grandes pode levar quatro a cinco horas até estar concluída, num trabalho de paciência e habilidade.

Tomada a forma de um cesto, um candeeiro ou uma bandeja, estes utensílios mantêm a consistência frágil e as cores do material de que são feitos. A terceira fase visa remediar

esta condicionante. Os objectos são mergulhados numa substância que permanece em segredo, e que lhes dá a consistência e cor uniforme. A substância "milagrosa" que dá firmeza às frágeis estruturas em papel, foi uma descoberta de José Lucas após muitas experiências. Uma fórmula que o artesão recusa revelar, por considerar que este é o principal segredo para o sucesso das suas peças.

Por fim, já solidificadas e de cor uniforme, as peças são envernizadas, ganhando a tonalidade e brilho com que são apresentadas ao público. O resultado final é um conjunto de peças úteis, belas e originais. "Não conhecemos mais ninguém que faça isto, em parte nenhuma", adianta Maria Celeste. Mas, apesar dos méritos, José Lucas conta apenas duas participações na Mostra Nacional de Artesanato, na Lousã. "Gostava de frequentar outras feiras na região". Góis, Lousã, Miranda do Corvo ou Vila Nova de Poiares estão nos planos, mas ainda não houve oportunidades de concretização. Contudo, a escassa divulgação não tem sido obstáculo para o sucesso. O êxito das vendas é inquestionável. José Lucas estima que no ano de 2002 vendeu mais de mil peças.

Confirmação do sucesso de um trabalho único e insólito, de criação de bonitas peças de artesanato, ao qual acresce a importante função de reciclagem de um material destinado ao lixo. Por outras palavras: artesanato "verde", com um capital papel ecológico.

João Limão  
jlimao@inde.pt

José da Silva Lucas  
Artesão - cestaria em jornal  
Rua Vale de Madeiros, Lt 5 - 2º Dto  
3200-355 Serpins  
Tel.: 916945465

## Ficha Técnica

### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 6 | Janeiro/Fevereiro 2003

### Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

### Redacção

INDE  
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º  
1700-213 Lisboa  
Tel.: 21 8435870  
Fax: 21 8435871  
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

### Directora

Cristina Cavaco

### Conselho Editorial

Carlos Mattamouros Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Guilherme Lewes/IDRHa, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE

### Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

### Colaboraram neste número

Ader-Sousa, Adirn/Templar, Adrat, Adruse, Artur Filipe Gregório (In Loco), Atahca, José da Mota Alves (Atahca), Nicolau Galhardo (IDRHa), Raia Histórica, Terras Dentro, Victor Louro (Direcção-Geral das Florestas), Zita Costa (Direcção-Geral das Florestas)

### Edição gráfica

Diogo Lencastre (INDE)

### Impressão

Diário do Minho  
Rua de Santa Margarida, n.º 4  
4710-306 Braga

### Tiragem

6 000 exemplares

### Depósito Legal

nº 142 507/99

### Registo ICS

nº 123 607



